

Paris
(Printemps)

“Paris -- Printemps” é um poema lírico narrativo que tem lugar no dia do Trabalho, na capital francesa. É o último poema da obra *Poemas de extração e exílio*, terceiro volume da *Trilogia poética do desterro*, de **Ricardo Daunt**. Esse poema, que a *Triplov* publica agora, vem a lume pela primeira vez e com absoluta exclusividade.

I

Avant l'aube

As chatas, os barcos e os bateaux-mouches dormem apoitados
às margens do Sena, espalhados pelos atracadouros,
ao longo da sucessão de pontes de Paris.
Apenas Caronte avança empurrado pela corrente
das águas cinzentas do rio,
em silêncio e sem pressa, transportando em seu barco
desprovido de remos os mortos que na madrugada embarcaram.
Em sua viagem, sob a névoa, a barca do inferno
(enquanto se confunde com as fugidias trevas que se vão)
vomita a promessa da imobilidade fria, que a todos aguarda
do outro lado do tempo,
exatamente onde se agita o turbido mar subterrâneo e eterno.
O rasto de gelo prateado que Caronte arrasta em sua popa
logo se desfaz
e no horizonte desaparece sem vestígios,
quando no céu surgem do dia os primeiros avisos.

Six heures du matin. Despertam sussurros sibilantes, sílabas
sofridas como soluços, como anáguas roçagando os seios.
Seis horas da manhã, o bafio da cidade sob o edredom sobe
pelas frinchas e vãos, pelas esquinas e grudado ao corpo de mansos e
[raros transeuntes
que, como eu, já espantaram seus demônios noturnos e seus sonhos
[diários de diminuta expressão;
ele se desprende como células mortas, de uma pele consumida pelo

[incêndio voluntário, praticado por um inimigo qualquer,
[e brancas sobem e se esgarçam no ar
se autoconsumindo na cotidiana labuta.

Emana também de corpos estuporados e sem ânimo, que acordam
[mesmo antes de tocar o despertador, e há um hálito de
[exaustão em cada movimento tépido e incauto,
como se o oxigênio não bastasse mais, mas se trata apenas
de um treino para a morte verdadeira, ao qual sempre estamos sujeitos
[até o compromisso final cumprido.

Emana dos respiradouros das estações do metrô, das lajes abandonadas,
dos túmulos e corredores onde o poder burocrático se manifesta.

Das igrejas e claustros vazios, dos imensos salões de densas reuniões
[plenárias.

A treva da noite ainda vela, nos seus estertores,
os quartos impregnados pela morrinha da babugem ali produzida pelos
[seus pobres ocupantes.

Neles velhos de rosto ensebado e álgido são já insistentemente chamados
para sofrer com o testemunho da despudorada beleza jovem, que nos
[bulevares em breve os aguardará,
quando a luz enaltecer ainda mais seus cruéis estoques de porvir.

Inadvertidamente os jovens ostentam suas reservas vitais
desde o instante em que saltam da cama e do travesseiro quente
e exibem seus dentes alvos para a vidraça embaciada, e cheiram o ar,
regozijando-se ao ver sua bela figura no espelho atrás da porta do
[armário

(eles, esses jovens impiedosos, então insinuam um beijo lúbrico,
contraindo os lábios de afrontoso e cínico prazer em seu reflexo,
e sorriem porque sabem que a beleza pode devastar).

Aos velhos, que dos espelhos delatores se afastam, resta repudiar
o vigor da seiva da vida renascida em cada momento e esquina.

Neles a labareda da noite se entretém ainda um pouco mais,
agora também velha, escorraçada pelo raiar da manhã,
que é a cada dia a sua morte.

A labareda negra ainda lambe antes de se ir moribunda a face de
 [estanho de um homem que se chama Fawwaz e que abraçado a uma
 [garrafa de aguardente e jornais velhos
 dormiu em um banco do jardim Paul Nizan, escondido sob uma acácia
 e sonhou com Adara, a virgem que não é mais virgem;
 sonhou o mais amargo dos sonhos, sobre um banco de jardim
 e agora estremunha sentindo a frialdade da noite enregelar
 suas pálpebras e o oco de seu espírito.

Fawwaz presente agora que ainda vive e que está ao relento,
 como enjeitado que é, e talvez tenha sido sempre, apesar de seu nome
 reverberar em seus ouvidos promessas eloquentes de riqueza material.
 Seus negros olhos se entreabrem. Fecha-os novamente quando se dá
 [conta de que a noite ainda o devora.

Por instantes pensa que é apenas um pobre homem que sente frio e dor.
 A memória de Adara o torna ainda mais infeliz, pois tendo sido
 prometida a ele para sempre, com outro se deitara por vários dias
 e o espezinvara e humilhara.

O infante Pierre Ruisseau, com o queixo e os lábios marcados pela
 [babugem noturna,
 dorme e ainda sonha dissabores de uma passagem de seu espírito pelo
 [mundo das trevas e do repulsivo,
 entre lâminas afiadas perfurando incessantes seu abdômen e um prato
 [com o hediondo e nojento creme de abacate que em prol de sua saúde
 [lhe impingem
 sempre lhe impingem, e cuja infausta coerção
 (embora disso ainda não saiba agora)
 lembrará até seu último dia de vida.

Entretanto é ainda um incerto amanhecer na cidade de Paris,
 as sentinelas são trocadas nas guaritas militares, e os pássaros ensaiam

seu voo matinal; feixes sonolentos de músculos luminosos encordoam o céu de fundos olhos, e Pierre sonha que rolam glóbulos de luz e débeis jorros de água roçando vagarosos entre as pedras estáticas e os tufos entre suas pernas e sua boca.

Pierre Ruisseau dorme, arrastado pelas mãos invisíveis da noite, que querem sua posse mas o atiram rumo ao abismo do dia. Ainda assim, deixa que seus cabelos sejam percorridos por dedos verdes enrodilhantes e mansos como a relva à beira da água. Bocas estranhas o beijam e os insetos que se arrastavam em seu corpo de sonho são lavados pela saliva. Ele flutua mas a sensação de queda e desamparo persiste. Seu corpo atravessa tiras de escumilhas sobrepostas polvilhadas de açúcar e coloridas manchas de geleia grossas e depois finas e longas. Uma voz sussurra em seus ouvidos no pequeno ninho infantil da rua de Navarin, 8.

Nuvens negras surgem plantadas nos céus de Paris ligeiramente iluminadas por uns laivos amarelos e alarajados que pincelam os magros anseios da noite cansada, como a dizer-lhe adeus.

Uma película de óleo azulada e dourada ganha cor sobre o movimento das águas do Sena, sob o pont de l'Acropole, sob o [pont Saint Michel, sob o pont des Arts.

Colchões de mola rangem em quartos aquecidos; colchões de crina, colchões de espuma, coxins vários, muitos, em que dormem percevejos [e desesperança, estremecem e se ouvem gemidos, respirações arfantes.

E ranhos ressecados em franhas estalam comprimidos por barbas e cabelos bastos, e pesadelos opressores se esgarçam quando a noite se arrasta para fora trôpega, chamuscada pelas línguas de luz recém-chegadas, e pensamentos inexperientes, disparatados

desarrumam as mentes estuporadas, com seus retalhos febris.
Um menino chora abraçado a uma menina e seus receios
estão enovelados. Ele Jamil, ela Gomil; com espanto se empurram,
gemelicam e seus lábios tremem ao som de mensagens incompreensíveis
e cruéis, de pesadelos interrompidos, e assim urinam no espaço comum
do leito na rue de Vaugirard.

M. Vassilikoff tem gordos sonhos de cetim e fino linho, bordados
de ouro e linha da Cachemira e agitado oferece ao silêncio
do quarto imenso borborígnos aromatizados de bons Sauvignons,
ostras gratinadas e Cognacs da noite passada. E antes de calçar
os chinelos de alpaca bordados com seu broquel de família,
antes de se declarar inocente e não culpado,
redige em letra pequena em seu livrinho mental a lista
do que é imprescindível e não pode esperar, mas logo a apaga.
Apaga, abre os olhos
e bufa e pensa e rememora e inala
seu ódio aos ciganos
(quer ver o sangue dos ciganos derramado
sobre o chão em que pisa),
que lhe roubaram a bolsa e a única filha,
numa manhã de passeio ao Bois de Boulogne.
Teria sido também um dia qualquer
no princípio de uma primavera em que as folhas surdiam
das sebes e canteiros. E parecia um feriado
de tão promissor o dia, de tão desocupada
a mente, de tão ligeiro o ar
que vinha de campos distantes e que deslizava sobre a pele muito rosada
[de Yuliya,
como beijos de anjos.
Para quê lembrar-se sempre? mas sempre lembra,

enquanto abre as venezianas de uma das janelas
do quarto amplo que dá para a avenue Pierre 1er de Serbie.

Cruel ironia, na place Dauphine

o cigano Nikolai amalha as migalhas castanhas acamadas
no papel do embrulho do pão de centeio e também sua ira,
e com a ponta dos dedos ainda sujos e pegajosos
de marmelada e tinta de jornal empurra-as por entre os lábios
(enquanto deseja que o sangue dos gadjões que o separaram,
de sua mulher Alina, na alfândega dos povos, no porto de Marseille,
jorre em uma masmorra de Deus;

eles que os apartaram para sempre; que o empurraram para a fila
[dos imigrantes e a atiraram na vala dos rejeitados).

Nikolai sabe que ainda não está morto, mas preso e indefeso
no livre insulamento incomunicável: um estrangeiro com sua alma
[atônita

e portanto condenado a ser ele próprio o seu maior inimigo
em todas as horas que vive e sofre em Paris.

Dores no estômago, espirais de acidez sobem pelo esôfago até sua boca.
A vida é uma fétida cloaca sem misericórdia, as nuvens o aprisionam
sob um olhar de carrasco, e a carta de seu irmão é uma adaga
[em seu cérebro.

Nikolai a aperta, comprimindo o bolso da calça de sarja, amassando-a,
como se buscasse extrair um novo sentido daquelas palavras insensatas:
“dela não sabemos, procure voltar, informamos que seu pai morreu”.
Será dia, será noite, nessa hora de repulsa e exaustão?

Não há pássaros cantantes em Paris, e os pombos ruminam todo o dia
em políticos conchavos para dominar os telhados e os céus.

Auprès d'un miroir

*É o dia do Trabalhador
 e através de um espelho da Belle Époque
 em que se contorcem as ramagens de tulipas, papoulas e miosotis
 [agigantadas
 e sem viço
 sinto odores combinados como sinos repinicando nos meus olhos
 em sinestésias várias percorrendo meu sangue em passadas lentas
 [e fingidamente distraídas.
 Contudo há uma insolente gravidade nos céus, as manchas de azul
 desaparecem subitamente na friagem matinal e véus de nuvens
 fundem-se e a anatomia do espaço torna-se outra, assim como outra
 [é a anatomia das relações e da vida nas ruas e praças.*

*É o dia do Trabalhador e estou de folga de mim,
 dos meus sacrifícios e desvelos.
 Outros trabalhadores como eu embrenham-se no tempo livre e na vida
 [liberta
 e arrastam seus filhos e mulher, em companhia
 de uma boa amiga solitária talvez, e percorrem
 a avenue d'Italie.
 Não sei ao certo em que século estou, sei que é uma primavera
 e os tunisianos e algerianos falam sós em bancos de praça,
 assim também os indivíduos que não andam aos pares,
 os que alguma coisa perderam na insanidade da noite,
 os que aguardam que os recolham, os que esperam braços fraternais.
 Do interior de seus casacos
 de lã gasta ressaltam dos bolsos gordas cartas relidas*

e uma garrafa e um filão de pão e trapos de um lenço carregado de
[ranho

e manchas de gordura e de graxa
desde quando perderam seu lugar na fábrica.
Encaram os que passam despejando ódio e pedindo a piedade
que as vítimas clamam ao pé dos algozes.
(Terei sido o desgraçado que lhes arrancou
as vísceras e o posto de trabalho?)
Brandem espadas e agitam próximo ao meu rosto
o gume frio das navalhas
quando indago 'onde comeremos bem, ma chérie,
un veau farci aux cepes
et quand même des haricots verts à l'anglaise?'
Quanto a mim, morri em seus corações
e seus íntimos desejos são os de fazerem-me
ao menos um pouco infeliz.

Primavera em Paris,
mesmo nos bairros mais sombrios surgem repentinamente
vasos de arame no asfalto e pétalas regurgitam
nas floreiras das janelas e canteiros, entre o lixo e a grama
e a estação proclama o tempo das rosas sem espinhos,
das olaias muito pintadas, dos miosótis e violas.
As manhãs são lentas e preguiçosas no feriado,
sem o gorgolejar das máquinas, tornos, perfuradoras, esteiras,
prensas, aplainadoras, retiladoras, compressores;
sem o titibitate das funcionárias nos escritórios compartimentados,
sem o ronronar dos caminhões descarregando peças e componentes.
Sinto-me como um homem alforriado até segunda ordem,
mas desterrado e sem horizonte.

*Através de um espelho art nouveau
 nossos rostos estáticos se confundem no infinito.
 Através dele, do outro lado secreto de mim, ou ao meu lado,
 fachos de luz separados de outro tempo atravessam meu corpo
 [de caminhante,
 confundindo o registro de minhas sensações,
 reproduzindo em meu cérebro
 motivos e vozes de outras eras que foram minhas
 ou que de ninguém eram, pois em Paris na primavera
 não se pode afirmar com certeza qual o verdadeiro nome
 de cada um e que destino humano o ócio súbito
 é capaz de construir no feriado, sob a tutela
 de um persistente mourejar subversivo de horas insubmissas,
 lentas e apáticas.
 Sei que caminhamos, estagnados nos ligeiros fluidos matinais.
 E que somos poucos, e nessa hora com pouca luz somos vistos
 como os gatunos em vias de cometer um delito,
 talvez sejamos um pai esfaimado por justiça contra o criminoso
 [que atropelou o seu filho;
 um flic em vias de render seu colega e assumir o posto
 no entroncamento da Le Courbe com a avenue de Breteuil.*

Antoinette de Bonneheure nem pensa em abrir o Polidor.
 Pensa, ainda entre lençóis quentes
 e perigosamente próxima de seu obeso marido Robert,
 que talvez naquela manhã possa ter notícias favoráveis
 sobre o projeto de adoção de uma deliciosa criança tailandesa.
 Sente-se úmida, e esfrega seu púbis com as unhas
 como se temesse uma traição do destino.
 A solidão de não ter um filho não é menor
 do que a dor de desejar um, sem sucesso.
 Robert dorme e dormirá até que o dia ilumine

a calçada defronte a avenue des Gobelins,
onde reviradas as cadeiras de um café ainda repousam
empilhadas, cobertas de orvalho e de folhas secas
e, já de saída para o restaurante,
ela pronuncie seu nome na esperança
de trazê-lo à vida. Mas Antoinette cogita
numa frase forte e inaugural.
‘Vou ter meu filho, Robert, mesmo que não seja seu’.
Ele, que tudo sabe, sonha com viagens,
prestidigitações e mágicas, em exposições de gala,
em bons teatros de plateia atônita e grave.
Entretanto logo seu sonho emenda em outro:
Robert agora sonha que está no bojo de uma rede de algas
que o transportam para o fundo do mar.
Naquelas regiões profundas,
uma multidão o aguarda com taças de água salgada
nas mãos enluvadas
e mostra seus dentes e seu sorriso
que cintilam no visor de escafandros acobreados.
De dentro de seu pijama molhado de suor,
ele agarra uma gorda garoupa, que no sonho se transforma
em um filho com seus bigodes e os olhos azuis de Antoinette.
Um estampido interrompe seu derradeiro sonho. Ele se levanta
na ardência persistente de sentimentos noturnos.
Luzes pelas frinchas anunciam o dia.

Fawwaz, sua face lapidada a faca, em ângulos retos,
sente escorrer o orvalho acumulado até o queixo,
que cai sobre os jornais que foram sua cama por uma noite.
Sempre na cabeça grisalha a memória de Adara, enquanto as trevas
[sem se despedirem o abandonam lentamente.
As farpas de luz alaranjada rompem o manto de céu escuro e descem

espalhando-se ao acaso pelo jardim Paul Nizan. O giz do dia
 risca o fundo das rugas do homem, mapa de sua vida sem bússola;
 ele coça com o dorso da mão a testa e o nariz. Nesse momento
 as horas acordam em seu peito e os sentidos de seu humanismo
 [corrompido
 pulsam com crescente alarme.

Dorme ainda Pierre Ruisseau, heróis e vilões de plástico com roupas
 [de guerra
 fazem de seu sonho matinal uma aventura de ódio e vingança.
 Ele repete várias vezes a palavra de ordem atacar, mas seu corpo
 se contrai numa convulsão de pavor e ele estreita o travesseiro
 contra o seu rosto congestionado, embora a sua mãe toque agora
 em seu ombro e em seus cabelos com a urgência de todas as mães.
 Ele, que é quase belo, ainda resiste e luta empunhando
 o seu espadim dourado, pedras pesadas desabam de um céu vermelho,
 sufocam-no, parecem mãos enforcando. As cortinas de seu quarto
 se abrem e também seus olhos esverdeados.
 Está tudo em fogo ao redor do prédio branco em que vive
 “Bonjour, chéri”, sua espada desapareceu de suas mãos,
 e na escola riem, pois fizera tudo nas calças.
 e os garçons do restaurante Mon Amour, do térreo,
 que um dia brincaram com ele entre as mesas e cadeiras vazias
 o cercam e escarram em seus pés e o chamam de porco fedido.
 “Bonjour, chéri, bonjour” . Um vento forte sopra tudo
 para longe, agora existem apenas os dentes alvos de mamã
 próximos de seus olhos.

Ele Jamil, ela Gomil, embebidos nos líquidos comuns, sonhos diversos.
 Com os lábios buscam seus dedos singulares e comprimem
 as mãos abertas contra seus rostos para melhor chupá-los.

Sentada sobre o tapete de lã que flutua Gomil paira
e desce sobre as ameias do castelo de Amir, de brancas pedras e rubis,
[junto a um rio encachoeirado.
Enastrando seus cabelos vermelhos coelhos brincam e falam
[enquanto comem tâmaras.
Jamil sente as patas de um camelo dourado em seu peito úmido.
Se ousasse dominava-o, se pudesse fugiria para as nuvens altas
e beberia o leite açucarado que cai das estrelas maiores,
onde peixes cinzentos saltam em frios lagos e depois adormecem
[tristes em seu colo.

O sol despeja por entre as nuvens, sobre a calçada ímpar
[da rue de Vaugirard,
a tinta muito fresca do dia; do outro lado a noite ainda se arrasta
sem pressa; se sorrisse sorriria agradecida para as nuvens negras
que protegem sua tardia sortida, e que se alastram até o Étoile,
[onde carros se engalfinham ao redor do arco,
[pois há bom dinheiro a ser ganho e negócios inadiáveis;
Seus fachos amarelos acariciam a abóbada do túmulo de Napoleão nos
[Invalides,
com gestos engendrados com uma secreta maciez de luva de pelica,
que subitamente se desfazem em grossa chuva ao som da banda
[da École Militaire.

(O céu se banha de fosca prata e a luz parece nascer do asfalto e muros;
estalidos de ferragens se multiplicam, dobradiças rangem, trincos rilham
sob a fúria das chaves, portas de aço sobem triscando engrenagens, bri-
tadeiras perfuram e desmantelam calçadas, que se desfazem, cortinas de
fumo se lançam aos ares, há cheiros de café e pão, carne e banha; há
odores invasores de perfumes e cremes e extratos medicinais, de peixes e
cebolas; pires e xícaras e pratos batem, vassouras e escovas e panos

agem – e há vozes que não agradam, e alaridos vários dentro dos mercados e achaques doloridos em hospitais e enfermarias; há cafés que se reinauguram, vitrines que se iluminam, guichês que não abrem, carros incendiados como agravo contra tudo, estupros escolares, cartazes, um mundo inteiro, igual, em cada parte.)

(E os franceses e os americanos nessa manhã indecisa, entre chuva e sol, vivendo em habitações contíguas, na rive gauche ou na droite, e defendendo políticas internacionais comuns, sempre de mãos dadas, não se arrependem de abastecer com armas a Indonésia para aniquilar a doce esquerda manifesta em Timor Leste. (Onde há petróleo, subserviência, e localização estratégica.) E a tudo o Ocidente assistiu, enquanto as flores brotavam desde a Antuérpia até a península Ibérica, desde as falésias dos Halles até as Tuilleries, em primaveras passadas.)

Quantas mortes sob as chatas do Sena, quantas mortes com dispersas e perdidas mensagens nas nuvens de primavera, sua indolência e fluidez. Pont Alexandre III, pont des Invalides, pont
[de l’Alma, pont d’Iena, pont de Bir-Hakeim
e por vezes o céu muito azul, estagnado, contágio do infinito intocável. Sonhos humanos que não alcançam ou avançam para além dos astros. (Acabemos logo com isso, o Timor é nosso, pois não é de mais
[ninguém, salut!])

Os Mirages cruzam o espaço, deixando um rastro branco.
Ademanes sutis na oscilação das asas, treino para o desfile das armas.

O espelho art nouveau registra secretamente
as boas ideias de M. Vassilikoff,
gravitando sobre sua cabeça: sementes no Vilmorin,
quai de la Mégisserie; cartões sociais na Papeterie Gaubert, place

[Dauphine,
un Haut-Médoc 2011 au Café Louise, antes do almoço, pourquoi pas?
Quelle extravagance!

E depois com sorte um bom peixe na rue Monge
(ela vai adorar, la petite, sei que vai!).

Contudo hoje é feriado, e tudo o que o coração de Vassilikoff persegue
[pode não dar certo.

Barracas de feira sendo armadas na avenue Massena, e na Mouffetard
e na Porte de Clichy, e nas traseiras da torre de Montparnasse.

Calçadas sujas, lixo e caixotes,

e ainda nem chegaram os engradados de ananás Victoire de Tampon,
nem as caixas de couves, cenouras e tomates (que só chegarão amanhã),
nem as laranjas do Egito, nem as malas com casacos e vestidos,
nem a peixaria completa saída do ventre do caminhão frigorífico,
com suas ostras em gelo e seus crevettes,

nem os porcos e aves, nem o espinafre e o repolho, nem os laticínios,
nem os guarda-chuvas e as meias e as galochas de segurança,
nem as tulipas e as mudas de papoulas,
nem as compotas de doces, nem as de castanhas, nem os renques

[de alhos,

pois é assim que o mundo prático e enérgico
é construído pelos que têm sovacos molhados
e os olhos congestionados de cobiça.

Subitamente, como se levasse um tapa,

M. Vassilikoff rememora a filha desaparecida.

(Roubada, bem entendido, e que valia muito,
e o dinheiro levado nada valia.)

É como se Iuliya novamente entrasse na sombria caverna
de sua alma,

da qual seu espírito busca fugir para se entregar ao que é presente

[imediato.

Sai da frente do espelho, deixa o apartamento, para ganhar a rua.

A seca árvore natalina com seus adereços metálicos, coloridos,

é um cadáver plantado a um canto da sala. Iuliuya não voltou
para o dia de Reis daquele ano. Um aperto no coração, um desviar
[de olhos.

Pois agora é necessário fugir do convite à dor. Sim,
primeiro as sementes, pois mesmo no dia do trabalhador se trabalha,
todos trabalham, inclusive a natureza,
que opera milagres todos os dias. Daí sermos tantos e valermos
[tão pouco, ou quase nada,
e nunca termos descanso, pensa Vassilikoff.

(Ao contrário de nós, uma semente sonha muitas árvores e frutos,
quer mais do que imaginamos em uma só encarnação, e sofre calada,
e aguarda o momento propício, estreitando ao redor de si todas as forças
[e energias de suas células.

Por isso ela é mais intensa do que os seres humanos.)

Depois, como se tudo fosse indiferente, o bom vinho, cogita Vassilikoff,
[lentamente.

Sim, o bom vinho.

Talvez acompanhado por umas andouillettes de boa vitela, ao molho de
[mostarda,
ou mesmo com uma simples salsa picada com azeite.

Nada que comprometa o seu almoço,
mas que consiga enxugar suas discretas lágrimas
e com delicadeza plantar um torpor benfazejo em seu espírito,
para assim viver o resto do dia, da semana, da vida toda,
seria bom, sim, da vida toda, sem dor, sem memórias.

Place Dauphine, seus bancos ainda úmidos do sereno,
esfrega o rosto enregelado, como se quisesse desfazer a ordenação
[do mundo.

Nikolai pensa em se oferecer para ajudar a descarregar os caminhões da
[feira do 13º, ou poderia também
ir ao acampamento cigano,

em busca de qualquer palavra de desagravo, ou de uma promessa,
 mas era longe, e o dinheiro não chegava. Não devia ter saído de lá
 naquela manhã em que socou o rosto de um iugoslavo que o encarava
 brandindo seu ódio gratuito com um canivete aberto travado entre os
 [dedos.

Ele cortou a palma de sua mão, lanhou seu rosto e rasgou
 [seu lenço vermelho.

Mas se ficasse, mataria ou seria preso. Talvez morresse.

Não faria diferença para ninguém.

Por que não se jogava do Pont Saint Michel? Não há vida sem Alina.

Bastava cruzar a praça trapezoidal e cruzar a rua.

Um restaurante se abriu, mesas sobre a calçada.

“Vous cherchez de travaille? J’ai besoin de quelqu’un à ce moment là,
 une demi journée, ça vous convenez?”

“Porquoi pas? Oui.”

Há cheiros de pães quentes e de frangos cozidos inteiros na água,
 de lentas receitas de chocolate e açúcar; repolhos mergulham
 em temperos, e patos em caldas orientais, peixes são eviscerados
 nos mercados, e a limpeza pública, por meio de máquinas coletoras,
 [com vassouras automáticas dirigidas por homens regulares,
 esconde em suas entranhas as fezes e os vômitos da noite passada.

Às nove horas, há uma ameaça de sol e outra de chuva,

um aceno de nuvem

e outro de infinito azul,

uma ameaça de acordo e outra de greve, há um sim e um não

para o mesmo assunto em todas as cabeças,

uma vontade de um beijo e a repulsa dele.

Papoulas inebriam e o vento passa por elas, de repente nada se agita.

Se uma lágrima caísse dos olhos de um deus, sobre a cidade,

[seria um frenesi.

Pessoas cruzam praças e esquinas agarradas a bolsas contra o peito,
 pessoas cruzam os parques e mergulham nas bocas do metrô com as
 [mãos enfiadas nos bolsos de seus casacos, mantôs, capas de chuva,
 pessoas agitam guarda-chuvas e bengalas nos bulevares, nas calçadas,
 em demanda de seus compromissos ou deles vindo,
 ou cumprimentando outras, ou debatendo-se em seus pensamentos,
 falando sozinhas, falando com alguém ao lado, real ou imaginário.
 Pessoas buscam diferenciarem-se umas das outras,
 Mas em conjunto, em grupo, empurram-se igualmente para chegar
 antes, para arrebatarem o que almejam antes que outras o façam.
 Os turistas aguardam com bandeiras e máquinas fotográficas

[o elevador da tour Eiffel.

Turistas aguardam com bandeiras e máquinas fotográficas
 a fila do museu do Louvre, do museu Marmottan, do museu de
 [Luxembourg, do museu Picasso, do museu da Ville de Paris,
 do museu d'Orsay, do museu Jeu de Pommés, do museu do Petit Palais,
 pois são nove horas da manhã e todos os guichês turísticos estão abertos,
 é preciso arrecadar rapidamente, visitar rapidamente,
 fotografar sempre. Subir a torre Eiffel, entrar na Notre-Dame, comprar
 um ingresso e uma passagem de trem para o Chateau de Versailles ida e
 [volta.

III

Un certain regard

*Sinto meus olhos mergulharem nas entranhas
 de um espelho art nouveau.*

*Atinjo seu núcleo para o qual convergem todas as imagens,
todas as dúvidas, todas as cores e gestos. Ali reside o tudo que é nada
e o nada que é tudo, pois é o fim, antes, o início, depois,
o início, antes, o fim, que vem depois,
e o percurso, sua concretude,
sua espiritualidade e sua superação.
Dói essa descoberta em todos os nervos e células de meu cérebro,
Doem-me as mãos e os pés, pois sou um trabalhador braçal,
Doem-me os olhos, arde-me o nariz, rompem-me os tímpanos
pois vivo dos sentidos, de seu entendimento e registro.
E a descoberta de tudo é tão extraordinária que perdi a voz
e o desejo de me manifestar. Estou só, fora de mim.
Não me vejo mais, só pressinto o turbilhão do centro do espelho,
que absorve o que reflete; estou sob seu comando
e por isso não estou mais em lugar algum
e lugar algum mais está em mim.*

Mas é sempre o dia que homenageia o trabalhador,
muito cinicamente,
dia para descansar e protestar contra a fome,
que Martin não tem mais, mas já teve ou terá com certeza.
Pensa em urinar nos castanheiros em flor,
nos bancos dos jardins, em alguma aleia escura
ou em algum trabalhador imigrado da Polônia,
ou ao pé do Arco do Triunfo,
pois não suporta mais ser obreiro em uma cidade
em que todos fingem que nada fazem e pagam suas contas
às escondidas com a economia da água de banho, do shampoo
e da creolina das retretas.
Ele porá as mãos aos poucos no dinheiro que reservou para o bebê,
guardado no pote de chá inglês.
De um modo ou de outro conseguirá a demissão da companhia de água,

agarrará o seguro desemprego e fará um bico aqui e outro ali.
 E há ainda o relógio de bolso, que foi de seu antepassado
 e que passará nos cobres no mercado de pulgas da Porte de Clignancourt,
 por garantia.

Amanhã sem falta vai xingar o supervisor e arrastá-lo com urros
 pela ponta da gravata azul. Se esse faltar ao serviço
 meterá o braço em algum colega desgraçado, assim mesmo,
 e o enfiará num caniço com ameaças e murros. Conseguirá ser demitido.
 A espera não é longa, só mais um dia, e depois eterno feriado.
 Por que não pensou nisso antes? Covardia, esforço adiado,
 ou estaria sendo covarde agora. Não importa.

Não terá remorsos: coisa de luxo para quem se suja.
 Venderá o velho Peugeot e dará metade para Jozy, pour fair plaisir.
 Um copinho só agora, Jozy entenderá, Jozy perdoará,
 seu feitio é perdoar e o destino dele é ser perdoado.

É muito cedo para beber, um só trago, talvez apenas dois.
 No Canal Saint-Martin, no cais de Valmy, um simpático café aberto,

[número 37.

Jozy entenderá, Jozy perdoará. No canal com o seu nome na tabuleta.
 E ele gritará por fim “allez chômage, venez vite”, como qualquer homem
 que despreza a voracidade do capital e a apatia do Estado.
 Viva Marx, abaixo Marx.

(As horas e mesmos os minutos são longos demais, alguns escorrem
 por nossos dedos e ardem.

A vida, já se disse, também é longa demais,
 não tem quem placidamente a embale no berço do destino, nem guia.
 Acontece subitamente, como uma somatória de acidentes não calculados,
 emaranhados como os fios de uma velha rede de pescar sem uso mais.

O erro de ontem repete-se hoje e amanhã
 como se fosse o primeiro erro cometido.

O que é novo é velho na verdade, e o que é velho é sempre novo,

como a tarde que embora sempre chegue impressiona o semblante
 [da manhã finda,
 manhã que sempre finda todos os dias, sob o mesmo Sol.)

Quando Martin perdeu a conta dos copos que bebera,
 também viu se dissipar sobre a gordura do balcão do bar
 o projeto que acalentara (do que se tratava afinal?),
 a fúria mental, a evasão triunfante, o caminho mais curto,
 o destino mais cômodo, o acerto perfeito e sem falhas,
 o murro, o sopapo, a reviravolta, a saída para a liberdade,
 o ganho sem esforço, o Café de Flore, Juliette Grecco, Sartre,
 um copo de Sancerre, une tranche de saumon fumée, bonjour Bardot,
 lábios grossos, nada menos que um Muscat,
 eis enfim como se pode acabar sem deixar traço, recomeçar do topo,
 na ponta de um garfo um naco de bom filé,
 no bolso o dinheiro para o mês inteiro, o ócio e o cio.
 nove horas, dez horas no mostrador, quase onze, para que lado agora ir?
 E Jozy?
 Quem?
 E se enfiasse uma faca na panturrilha? Aposentadoria por invalidez,
 fora atacado quase à porta da empresa, turno da noite, homem dedicado,
 lâmina nova e boa, atiraria a faca longe, se arrastaria até o portão, ferido,
 mas não poderia ser hoje, nem amanhã. Turno noturno em dois dias.
 Pagar a conta, comprar a faca no marché aux puces,
 arma com muitas histórias e pecados, um canivete era melhor ainda.
 Cheio de digitais comprometedoras. Calçaria uma luva, jamais toque
 na arma que te matará. Jozy quase me mataram, o dinheiro da semana se
 [foi.

*Depuis um miroir art nouveau as falsas vinhas verdejantes em broto,
 misturadas a louros sem vitória e nódoas aveludadas de respingos*

*de mau vinho resistem à chuva que de algumas cabeças enchapeladas
se desvia, mas molha a maioria que vai, vem e se desfaz no dia do*

[trabalho.

*Continuo em minha folga,
as ferramentas sob a cama e a sopa de ontem já rançosa,
junto ao calefator.*

*De casa saí horas atrás,
À desoras sem me lamentar.*

*Se uma energia nova insuflasse memórias de outrem, para mim novas
em meu ser, mesmo que logo gastas, inapreensíveis a contento,
pelo meu espírito caloroso, eu ainda assim preferiria ao que agora*

[não retenho em mim;

*ao que neste instante não me possui mais, nunca me soube
e não viveu em mim, embora meu fosse desde sempre.*

Meio-dia, inexistente rubor no céu, uma couraça cinza pálida paira
sobre toda a cidade no dia do trabalho e veste o céu como a luva
cobre e esconde o anel de topázio de um dedo.

Em sua certeza de armadura medieval exhibe-se indiferente,
acima dos guarda-chuvas,
dos acenos de despedida nas gares, aeroportos, lupanares,
muito acima das passagens, acima dos bulevares, dos monumentos.
Mulheres e homens são escorraçados pelo vento, encolhidos sofrem
como milhafres doentes, imobilizados nos galhos das olaias e abetos.
Vento que sopra contra as faces, como faca, quase arranca as saias,
provoca esgares, entonetece e embarga a voz e sufoca ainda mais
o silêncio. Chapéus, solidéus, bonés e lenços agitam-se como adereços

[de veneziano carnaval;

Alguns sobem aos ares, triunfais, e o gendarme de plantão assiste

[como se presenciasse um crime consumado.

Sobretudo enfunam-se bandeiras nos mastros, nos picadeiros e barcos.

Há uma promessa de desfile de armas em riste e braços

e boas almofadas se apalpam e se afofam em preparação nas calçadas onde a burguesia se sentará para prestar continência militar.

Pães frescos saem em nova e revigorante fornada, macarrons em pacotes a preço promocional exibem cores luxuriantes, como vulvas

[de teatro de revista, nas padarias.

Olhares apreensivos se encontram em pontes, esquinas, tombadilhos, cabines de comando, pontos de ônibus, marquises e caramanchões, aleias de igrejas e conventos, corredores de hospitais e necrotérios, entre árvores e tufos de plantas, em jardins e calçadas.

Olhares desviam-se de olhares de outra gente de rostos regélidos, pelas gotas d'água da chuva que volta a cair mansamente.

Por algum motivo justo

foi convocada uma reunião parlamentar de emergência,

foi hasteada uma bandeira, foi brandida uma espada e um documento

[palaciano

foi rasgado em vista da afrontosa verdade que trazia em suas linhas.

Mesmo as que não são damas se perfumam, pois se aprontam ao meio-dia para ir a um encontro sem motivo algum.

Vão todos os casais ao Trocadero fotografar a torre Eiffel

e a esplanada, ladeada de friagem e verticalidade;

à praça Saint Michel ver as carantonhas vomitarem água dos chafarizes e fumar uma boa maconha e tocar uma guitarra em troca de moedas;

fazer fila no museu do Louvre para fotografar a falsa Monalisa;

ir a Pigalle comprar colchões de espuma e travesseiros

para o novo apartamento, para o novo hóspede, para o novo hotel.

É o dia do trabalho, quando se comemora a criação do mundo de classes, o derramamento inútil de sangue, das guerras impunes, o nascimento de um herdeiro real,

a deposição de um vigarista inaceitável e sua substituição por vigaristas de bela fachada.

Contudo não há como negar,

as tulipas têm pescoço comprido,

como as mulheres cegas de Modigliani

e seios fartos, de sedosas pétalas.
 Os aromas doces e amargos se misturam em espirais
 que escapam das chaminés dos restaurantes e cafés
 e alguém procura um nome pelo telefone.

Esse alguém é Antoinette de Bonneheure, pois há uma estrangeira
 que pode presenteá-la em troca de pouco,
 tudo em bom e falso papel passado, um filho com saúde e futuro.
 Serão entabulações difíceis e sigilosas, pensa a futura mãe,
 mas as palavras certas se arrumam em seu cérebro.
 Com elas irá transformar o filho morto em vivo,
 reinventar o destino já traçado. Não é pecado.
 Robert tira uma moeda da orelha, depois um coelho
 de seu nariz, mas ninguém observa o milagre,
 pois todos ali se preparam para a melhor foto da viagem:
 é só apertar o botão no melhor momento.
 Finalmente a vendedora de filhos alheios marca um encontro
 em uma hora, um pouco mais, no Rond-Point da Champs-Élysées.
 Entretanto ainda não entregará a encomenda.
 Quer ver primeiro o focinho dos compradores
 (averiguar se irão mesmo guardar segredo)
 e receber o sinal do pagamento combinado, nada de artimanhas
 [ou excusos atalhos.

“Nenhuma armadilha, madame, a coisa é honesta e firme,
 forneço recibo e carimbo, como se vendesse selos,
 porém a confiança tem que estar presente nos dois lados.”
 Mais um dia ou dois e Antoinette terá a história refeita.
 Robert recua e resiste, alarmado ainda, quando avisado,
 Pega o telefone das mãos de sua mulher, devolve ao nariz o coelho,
 à orelha a moeda: tem medo de que nada dê certo;
 enfia as mãos dentro da capa, moedas de ouro saltam de seus bolsos
 [estufados.

Não foi uma boa hora, a hora é má, adverte o seu botão de gravata, piscando alarmado como farol na tormenta marinha.

Robert sente a joia palpitando em seu peito e entende o aviso.

“O lugar, senhora, é muito devassado”, ele diz e ela responde:

“os lugares mais frequentados são perfeitos esconderijos para tudo o que é secreto e escuso, lhe afianço.”

E todos desligaram com medo.

Os olhos de Fawwaz buscam o infinito no céu,

Embora saiba que não há nada para ver nele,

apenas uma promessa eterna de um mais além inesgotável.

Por isso volta-se para as coisas que estão mais perto.

Há uma acácia, há jardineiras erguidas com tijolos,

tufos de mato na grama. Em que cama estaria Adara tão amorável?

Mais triste e cruel a resposta que a indagação ao léu.

Precisa comer, antes que morra. Mas sabe que mais sofrerá,

depois de saciar a fome, pois terá condições de nutrir

[com o seu pensamento obsessivo

sua vingança, que se insinuará nas veias vermelhas e azuis

que irrigam seus olhos escuros e o ódio o fará ficar cego e desarmado.

Como se estivesse perdido, evade-se do Jardin Paul Nizan

e caminha na direção da Porte d’Italie,

pede um copo de água em um café

e se possível um pedaço de pão. Oferece o seu serviço como paga:

sabe limpar fogões, organizar a cozinha, lavar o chão, abrir o peixe

e cortar a carne. Muito depressa pica a cebola e lava as batatas.

O dono responde: moi aussi, adieu, merci.

Vassilikoff almeja subitamente uma fatia de ananás Victoire de Tampon, enquanto isso fiscaliza o céu cinzento.

Senta-se em um banco de jardim. Pequenas pétalas brancas esvoaçam.

Pensa que o tempo é contraditório como a alma humana, mas rechaça
[a frase gasta.

Seu cérebro inscreve no cachaço de um imaginário porco castanho:
hoje é feriado, dia do trabalho,
dia da usura,
dia da destemperança,

E sendo um dia assim, não se encontra facilmente
uma fatia de ananás acamada sobre um prato de Limoges.

Sacode-o o vento e a memória

de quando era melhor que agora e podia correr para o sol e gritar

[uma asneira,

[uma falácia descabida,

de quando tinha a seu lado a sua filha.

Hoje reencontrará os braços de Juliette com as mãos vazias,
que é como o seu espírito se sente.

E Juliette tocará com seu rosto de pó-de-arroz o dele e o chamará
de meu velho,

o que o fará detestar ainda mais a mesmice humana da qual faz parte,
mas por fim aceitará, pois recusar é morrer mais depressa.

Sob os pés de M.Vassilikoff, minúsculos pedregulhos esbranquiçados.

Comprime-os com o solado e recupera a lembrança matinal de sucrilhos
[sendo mastigados.

Falta muito para almoçar?

*Segui pela calçada ao longo do cais de la Tournelle,
Um Citroen branco e antigo passa por mim e atravessa a ponte,
na direção da ilha de Saint Louis. É um veículo casamenteiro,
transportando um pai e sua filha noiva, cheia de luz e inigualável beleza.
Os sinos em algum lugar dobram felizes, e o velho carro o persegue.
Devo também ir atrás?*

*Encosto-me a uma árvore da plenitude sufocado,
e nesse instante ouço os acordes de um órgão tocado por Houtart.*

*Sobre a minha cabeça caem gotas de chuva incipiente e notas musicais.
A música avança com suas armas próprias, banhando-me todo o corpo,
empunhando um prelúdio de Beixtehude para corais.
Se soubesse o que cantar naquele instante, cantaria,
entretanto apenas esfrego as mãos contra a calça de uma parede,
com a sensação de que por vezes estou irreparavelmente vivo ainda.*

Vassilikoff movimenta a sola dos pés sobre o chão pedregulhoso do
[jardim, extraindo sons.

Lembranças de alguma festa imemorial, recordações de infância,
de jogos e façanhas de primeiro amor?

Não, apenas o clamor impaciente e solitário de um espírito
que persegue a ideia de que o mundo não lhe pagou
o que se achava merecedor.

Em lugar certo, onde sempre o aguarda todos os dias,
o coração de Juliette dele discordará sempre,
toda vez em que se apequena e desvaloriza,
e sempre quando se empertiga e enaltece suas falsas conquistas.

Pois ela é simples na complexidade de dizer sim e não a tudo.

E seu mundo é feito de terra, água, ar e fogo, as pessoas vieram depois,
a natureza antes, por isso é mais importante.

Pierre Ruisseau, preguiçoso infante, tem a mão direita,
entre os dedos da mãe e a outra, entre os do pai.

Logo chegarão a um restaurante e depois mais promessas de passeio.

Entre os dois seu corpo se agita e se desequilibra,

Melhor se pudesse correr sozinho no compasso da vida.

Não queria outra vez ir ao Panthéon, nem ao cemitério de Liles,

[tão longe,

nem mesmo ver o desfile de armas, nem ser empurrado pelos grandes.

Difícil, mais que isto, foi se vestir quando fazia frio,

e no armário aberto esconder o rosto quando o inimigo
o queria morto. Era um ogro que lá morava, com uma metralhadora,
e tinha na ponta do rabo um punhal com cobras verdes enroladas.
Sorte que esperto bateu a porta.

A linha de prédios do boulevard Saint Michel,
inclinando-se, ave, como se pretendesse deslizar e pousar no rio,
com as suas asas de concreto e as suas unhas de ferro,
insinua que pode ter havido um dia
uma paisagem de outeiro e árvores espiando as águas do Sena.
Por anos a fio os romanos e franceses, vindos de outro tempo mais
[íngreme,
souberam extirpar com esmero todo o mundo natural que ali vicejava.
A partir do núcleo de um espelho art nouveau, em seu âmago,
no ponto de onde a luz mais antiga parte;
de onde o gesto mais nefasto ceifou árvores para a lenha
[e depois para o fogão;
de onde o grito mais raivoso buscou eco e não encontrou conciliação,
até o primeiro choupo abatido e o primeiro pinheiro tombado
e depois disso, ainda,
tudo se pode ver sem ver. Se olhos souberem interpretar o espelho.
No curso do tempo, ali, mulheres grávidas com suas roupas por lavar
desceram pela encosta do outeiro, lutando contra o látego do frio
e lavaram suas roupas e seu corpo no rio.
Em outro ponto no curso do tempo,
mulheres com suas roupas de plástico, apertadas na cintura,
como se aprisionassem a nova vida prometida, latejante,
mulheres com bebês amarrados ao fundo de berços
[como camas rolantes,
mulheres com filhos arrastados pelas mãos e maridos sucumbidos,
todos descem o boulevard Saint Michel, sobem a rua Mouffetard,
ou vão de encontro ao rio como se buscassem um suicídio coletivo.

Enquanto empunha a vassoura, com o pano de limpeza no ombro direito,
Nikolai pensa ainda em seu fim, que seria um começo mais além,

[um acerto,

um pacto, ainda que hediondo, com sua sina.

Morto, outras cartas no jogo.

Desaparece a condenação constante da dor;

toma seu lugar tristeza alguma, sentimento nenhum, nenhum malefício

[terreno mais.

Restaria a pena a cumprir, a ser saldada em vista do pecado capital.

E na contradição entre o alívio pelo suicídio e a punição eterna da alma,
espécie de dor ainda pior do que as que conhece antes de morrer,

[em vida,

uma voz lhe diz, ao ouvir a música ritmada de sua vassoura na calçada:

“tem papéis, documentos, Russo? É russo, não é?”

“Não sei como cheguei aqui, foram muitas quedas. Nasci em Cáchin,
depois vivi nas estepes do Ishim e agora estou aqui.” (Fugindo da dor.)

“Procurado pela polícia?”

“Nunca, até onde sei, juro pelo seu Deus.”

“De agora em diante trabalha como se não trabalhasse para mim
e para o vizinho, mais abaixo, no trabalho que lhe couber.”

“Onde mesmo?”

“Naquele hotel logo ali, o Henri IV,

nesta mesma praça Dauphine, que é onde moram o silêncio

[e o inesperado.

Se o prenderem, interrogarem, dirá que é meu amigo e de meu pai
e que está de passagem, em visita.”

“Vão então me levar por vadiagem.”

“Isso veremos, e se ocorrer nos ajeitaremos.

Agora eu o sirvo de alguma comida,

naquela mesa ao fundo, já posta,

recusar não ouse,

com os copos e o demi pichet de rouge.”

Nas cadeirinhas de longas pernas, Jamil e Gomil são servidos de papinhas de aveia que vieram de casa na lancheira.

Olham-se como se não se gostassem nem se odiassem. E seus olhos estão opacos como os finais de tarde no deserto. Seus protetores

[empunham

colheres de prata com seus nomes gravados e empurram para suas goelas o creme espesso de aveia, com vigor marcial,

enquanto bebem em longas taças um kir e mastigam azeitonas pretas e

[verdes,

temperadas com cebola branca no azeite e um tanto de pimenta síria.

Seus dedos estão enfeitados com pesados anéis de ouro

que untados de óleo deslizam ao redor das falanges

como se quisessem saltar na toalha amarela do restaurante libanês no 291

[da rue de Vaugirard.

(O clã familiar fora engrossado, na ocasião,

com o concurso de duas primas velhas

e o marido anafado de uma delas.)

Veza ou outra mordiscam eles e elas pães com pasta de sésamo e pepinos, ou com babaghanoush muito frescos e sensuais,

espanejam os bibes de Jamil e Gomil, já agora imundos,

retirando gomos com as unhas. E esperam impacientes o Kebbah

[encomendado.

Seus relógios para os quais olham aflitos talvez por isso

marquem alguma hora inconveniente. (Estariam parados?)

Uma esperança ainda resta, chegaram as codornas ao mel com timo bem

[grelhadas!

E desembarcaram da adega os vinhos.

Nada disso contudo importa para os infantes.

Jamil e Gomil parecem haver secretamente combinado

o momento de não mais abrir a boca para as colheradas.

Cospem a última entrega da ração com nojo e afronta
 e esfregam os olhos congestionados, quando um súbito
 raio de sol banha seus rostos parecidos.
 Entreolham-se outra vez, agora se vendo
 com a consciência infantil disso,
 e ficam aborrecidos de se reencontrarem.
 Em seguida os olhos de Jamil e Gomil se desviam,
 e buscam doravante deslindar o sentido do mundo ao redor,
 onde pessoas se movem e gesticulam, brandindo cardápios,
 taças e metais, enquanto falam e espicaçam carnes,
 tudo enfim muito propício para acentuar a ácida nota musical
 de seus protestos, convertidos em justo pranto debulhado.

O sangue de Martin coagulado em sua mente, o álcool em suas veias,
 teria que matar alguém, talvez ele próprio, com uma faca ou canivete,
 se pudesse da metade se lembrar;
 seria melhor fazer um seguro de vida, Jozy rica e viúva, não,
 fingiria que morrera, documentos falsos, pagamento do seguro,
 notícia de falecimento: 'operário morto encontrado com faca no peito'.
 Mentira, não há notícia para pessoas comuns. Só se noticiam marechais
 e banqueiros mortos. Talvez devesse matar um tipo assim.
 'Homem corajoso vingá os justos e acaba com um escroque',
 difícil o plano, por que razão venderia o Peugeot, mesmo?
 Tinha uma ideia triunfante, que agora se diluía nas espirais do éter que
 [consumira.

Sim, o seguro desemprego, justa causa, o início do recomeço.
 O carro se vendia, bem como o relógio que talvez nada valesse,
 só o trabalho de o vender. O melhor mesmo seria o sopapo no chefe,
 e ainda havia economias a serem surripiadas do filho não nascido.
 Pobre Jozy, queria um belo enxoval.
 "Senhor, como se chama o bar?"

“Sur les quais’ e eu Gilbert.”

“Eu, Martin, mesmo nome do canal aqui. Mas não sou santo.

Come-se por quanto?”

“Doze euros, quinze.”

“Mande por favor.”

“O que vai?”

“O que achar melhor, une grillade, ou mesmo uma linguiça defumada, ou se tiver umas tripas à moda de Caen, ou das mais simples, mais il me fallait un couteau”, pensou em voz alta.

“O que disse?”

“Nada disse”, rien. Peut-être un cuisseau, ou des rognons.”

“Pardons, nous n’avons pas aujourd’hui. Seulement des tranches de
[veau.”

“C’est pas grave, venons a nos moutons.”

“Très bien, alors. On peut vous faire une grillade de boeuf, comme vous
[avez suggéré.”

“Oui, monsieur.”

Martin entretanto não revelava toda a verdade.

Bebia e desbaratava a sua memória, punha a perder a sua vida.

Medos, obsessões, fantasias, traições, imposturas, manigâncias,
[tudo de mistura

sua mente cortejava (como pássaro que em cada galho do arbusto por
[pouco tempo pousava):

falaz, canalha, idiota, alternadamente.

Paris empunha copos, garfos, colheres, facas zunem no ar,
em tábuas se picam cerefólio, cebolinha, zahatar.

O suave sabor de flores do sumagre preconizado pelo sábio
[Maimônides

mescla-se ao gergelim bem torrado, à manjerona, ao tomilho.

Em frigideiras amanteigadas o piri-piri rivaliza com o cardamomo,
[que refresca hábitos.

O bacon encrespa-se, os rins fritam-se com alhos e gordura,
o marreco ganha cor em fornos de aço, as sementes de papoula,
de funcho e de mostarda salpicam molhos e cremes claros,
a boa menta inglesa visita mesas, empanam-se vitelas
e o bouquet garni, o cravo, o aipo e o alecrim têm sua hora,
assim também a noz-moscada, o louro, o alho-poró, o poejo, a arçanha,
[o zimbro, o cominho, o manjerição, e a páprica.
Óleos virgens e vinagres são agitados no ar e banham alfices,
folhas de louro acamam-se em mansas fervuras em que ressaltam
os odores da lavanda, da sálvia, do aipo, da segurelha, da crespá salsa.
Marinam-se peixes e aves, aferventam-se crustáceos, mariscos, e joelhos
[de porco.
Sementes de feno grego e de funcho amenizam sopas refinadas,
e as do coentro agradam a muitas culinárias e receitas;
em baixo fogo vichyssoises ganham corpo e bouillabaisse entontecem.
O açafreão tinge os risotos, gratinam-se massas com molho bechamel e
[parmesão,
O carril tempera carnes de boi, frangos em pedaços e camarões grandes
aos quais se agregam creme de leite e tandoori, até mesmo passas
[brancas ou escuras, embebidas em vinho.
Miolos de pães se amassam com pedaços
de coelho selvagem, frango e ovelha e se fabricam alheiras bem judias.
Tudo transpira de rostos obedientes, azulejos encardidos são vil
[testemunha de tudo;
todos os ossos regressam às panelas para um longo cozimento, em busca
[do mais denso sumo,
e o leitão se assa, o pregado e o linguado ganham flores e cogumelos em
[belas travessas;
também se cozinham com endro e vinho apropriado e mesmo em
[companhia de alcaparras miúdas e elegantes
(as mesmas que nadam na manteiga que banha a truta assada) .
A baunilha frequenta doces e bolos de chocolate em prateleiras de
[confeitarias.

Odores acres sobem aos ares e fumos brancos espiralam
 sobre telhados, misturando-se ao monóxido de carbono dos carros,
 aos perfumes acidulados de axilas frementes de trabalho.
 Tudo cheira mal e bem, entontece na proximidade de retretas públicas,
 [provocando asco,
 mas assim mesmo fornadas de pães são atiradas em imensos cestos
 [de vime ou de plástico
 e o leite de soja é adicionado ao nigari para o preparo do tofu fresco
 [e esbranquiçado
 que em cubos será comido com a sardinha oriental trazida em cascos de
 [madeira,
 embebida em saquê, ou fresca, trazida das ilhas japonesas,
 em caixas de isopor lacrado, em ações de contrabando portuário.
 Carnes macias grelham-se com pimenta do reino e sal, simplesmente,
 ou descansam em vinhas d'alho.
 Com toques de ervas finas misturadas à manteiga,
 ou da sauce hollandaise, ou bérnaise parecem manhãs de sol a evaporar.
 Cozem-se salmões e robalos no limão siciliano,
 e o foie gras é a joia de uma bela porcelana de borda azulada do Tour
 [D'Argent,
 para tristeza de um ganso e satisfação do Guide Michellin.
 Peitos de pato e codornizes inteiras regam-se com um tinto ou
 [espumante, ladeados de pommés-noisette ou lentilhas.
 Beignets perfumados adornam pratos de coelhos, perdizes,
 e soufflés de topete dourado saem apressados do forno em braços
 [serviçais cheirando a alho, em bistrôs ao longo do cais.
 Colunas de vapores favorecem o apetite quando as cazuelas fervem
 em panelas de cobre e deixam baços vapores nas janelas.
 Em cálidas cozinhas escondidas de olhares o ceviche de branca carne
 de peixe fresco é preparado com cebola roxa, milho e salsa picado
 [nos costados do Panthéon.

Assam-se batatas com casca, grandes cebolas brancas e tristes em espeto
[são abrasadas.

Empanam-se e fritam-se as carnes brancas da vitela,
azeitonas muito negras são atiradas sobre o queijo de cabra com orégano,
brochetes de carne de cordeiro entrelaçadas a tomates gordos
douram em vitrines engorduradas da place Saint-André des Arts ou da
[rue Hautefeuille.

Crepes rodopiam revirando no ar as suas faces esguias,
depois ardem no brandy ou cognac e desfilam para a boa clientela,
que cheira pó em estojos de maquiagem,
consome cocaína e fuma crack na borda
do chafariz gelado da praça Saint Michel, envolta em longos cachecóis
[azuis-turquesa, feitos de tricô, semiencobrimdo os rostos arrocheados
[pelo aceno urgente da morte
(fumos de maconha e do cachimbo de bambu também sobem aos céus).

Arenques em conserva de cebolas marinado se comem quase frios,
com pão de centeio ariano e copinhos de schnaps, no bairro judeu.
Carnes moídas saem da cloaca de máquinas, recheios para linguças
[ganham tripas,
e são defumadas em pequenas fábricas clandestinas na Porte Maillot.
Salsichas ganham a fenda vaginal de pães com ketchup, refogam-se
abobrinhas, cenouras e berinjelas, tomates em rodela
cobertas de aliche,
e grossas camadas de queijo ordinário assentam-se
sobre pizzas dançarinas, mas nem todos comem croissant e brioche
Roquefort e Camembert, Reblochon, Brie, Chevrotin e Emmenthal;
a fome é a sentença aplicada pelos que bem comem
e vivem no lado anafado e fofo, empanzinados em longos almoços
com galinhas-d'angola e carne de faisão, ou codornas recheadas
no bois de Boulogne ou no terraço do Pavillon Montsouris
ou assistem aos inimigos partirem, com malas às costas,
das janelas do restaurant Le Train Bleu da Gare de Lyon,
onde só presta a sobremesa de mil-folhas de baunilha e caramelo.

O odor indefinido, salgado ou doce das coisas vivas e mortas
atravessa a vastidão
do Trocadero, o estreito mundo do Quartier Latin, a Bastilha,
os grandes boulevares, a place de la Contrescarpe, a place des Vosges,
as bocas das estações do metrô e dos trens, a gare de l'Est,
a Saint-Lazare, a de Lyon e as cathédrales,
e grandes projetos são abortados enquanto se bebe e se mastiga
[em Paris,
e a vida desafia a vida, assentada em contrastes cruéis, em meio ao lixo.

Em sua mente azinhagas verdejantes e tortuosas,
subindo sempre e vastos horizontes de palmeiras, caminho do topo,
onde nasce o Sol e a Lua de mãos dadas, ambos por um instante
[confusos.

Fawwaz avança com súbitas tonturas e visões arcaicas,
na direção da Porte d'Orléans.
Adara numa curva do caminho debruçado sobre penhascos de ouro,
com uma fresca bilha d'água entre as coxas alvas;
ela o espera descalça para saciar a sua sede e sua fome. Eis o homem.
'Eis o homem', ele balbucia, caminhando pela avenue de Général
[Leclerc,

e cai pela primeira vez à altura do cruzamento
com a rue Poirier de Narçay.
"O que tem o tipo, está bêbado, doente ou é fome?"
"É falta de saúde ou de comida e cheira mal."
"O melhor é chamar uma ambulância ou um padre."
"Ele respira ainda, acaba de balbuciar que odeia a vida,
ou algo parecido, sei lá."

No regaço de Adara sente cheiro de camélias.
Suas mãos de mulher sabem a mel e a terra doce após a chuva.
Ele escuta o ruído quebradiço de uma carroça no cascalho,
[que agora passa,

e sente o cheiro do feno que ela transporta e das cabras que a seguem, e
[quer ir atrás.

O vento é subitamente forte e a galhada das beiradas se retorce
em um frenesi natural, como perucas agitadas pela loucura.
Fawwaz convida Adara para seguir a charrete,
e com ela avança entre lívidos tremores e retomadas breves e frustrantes.

“Falta ainda um pouco e a ambulância foi chamada.”

“Vai levá-lo por certo para o hospital Sainte-Anne.”

Um monjolo soca o trigo em um valado, onde passa o rio.

Soa como um coração batendo fatigado, mas sempre atroando

[sem compasso.

Adara sustenta seu corpo e o apara com energia e sofreguidão,

Como se Fawwaz quisesse escapulir de suas mãos e se atirar no

[precipício.

Os homens o levam para o carro e a sirene toca

enquanto Fawwaz sente que queima nos braços do Sol.

IV

Quelques mauvaises connaissances

Em poucas horas de nada fazer

envelheci no ócio, martelando o espírito com angústias

e lamentações. Há folhas putrefactas e natureza morta

nestes passos dúbios aos quais dedico algumas horas.

Estou sem comer, apenas penso longe das máquinas

e dos sons coletivos dos estrangeiros com os quais trabalho.

Auprès d'un miroir Belle Époque em mesas de toalhas brancas

[que o circundam

os casais de meia-idade saciaram sua fome, vejo-os da rua

e não sinto inveja, não sinto pena, vejo seus beijos rubros

*de vinho, os guardanapos de linho lambrecados de bom tinto.
 Se minha vida se resolvesse na mastigação, mas não.
 A cidade tem um difuso sabor azedo.
 Ergo os olhos,
 Sobre minha cabeça, nuvens à espreita.
 Somos ignorantes em quase tudo o que nos rodeia;
 comemos o almoço dos que não comem e cuspiamos nas ruas
 nossa digestão apressada e cúmplice.
 Da rua vejo as tulipas e as dálias que adornam a moldura do espelho,
 murchas
 e suas folhas pendem como ovários de pequenas fêmeas,
 apodrecidos.
 Mesmo as estranhas flores africanas e os tons intensos
 de ramagens torneadas e serpenteantes estão sem viço,
 [ferros retorcidos.
 Demônios e anjos maus cospem pelos vidros
 lâminas de condenação e vômito de monossílabos.
 O fundo do espelho revela crostas de gordura depositada
 pelo cansaço de esperar e pela gula, e veias negras não escondem
 que o tempo é uma ameaça para a pequena paixão humana.
 Sigo meu caminho pela rua.
 Do meu estreito horizonte desaparece o espelho e as pesadas cortinas
 que escamoteiam parcialmente os janelões de cristal.
 Tenho nos bolsos algumas moedas soltas,
 que agito com a ponta dos dedos.
 Preciso iludir a fome com um sanduíche vendido em algum guichê
 [de esquina.*

Deux heures de l'après midi, um pouco mais,
 mas ainda se pode registrar para os anais bocas de diversas procedências
 mastigando nacos de carne,
 cascas de pães, gourgettes douradas, e ainda agora por entre as gengivas

[cálidas

e eficientes caninos e molares, em rústico ataque concatenado, atravessa em rubros fios retorcidos o vinho já provado.

Desde muito além do boulevard Arago até Saint Denis, desde a avenue de Versailles até o parc Stalingrado em Pantin, adultos, crianças e velhos comem e debatem, gemem e gesticulam com facas, garfos e colheres, escorraçando com guardanapos ideias

[disparatadas, visitas inesperadas de ogros e fadas.

Toalhas de papel são trocadas, pois haverá com certeza outra leva discordante, novos pratos depositos entre talheres e taças, e a cada ciclo de comensais perfumes vários se misturam ao do repasto, e o ar transporta mensagens relidas por entre cabeças e esgares.

“Ça n’ira pas, tu sais, pour moi c’est la dernière fois. Fini, fini, adieu.”

“Tant pis, je m’en fou de toi.”

Enquanto bem calçados, cavalos de montaria militar dão as suas últimas

[pernadas, pois eles também são convocados

para o dia do trabalho e animais e soldados, trabalhadores e populacho, músicos e a tropa da artilharia estacionada,

sindicalistas e grevistas profissionais escutam palavras vãs,

que não são tão boas, jamais tão honestas e francas,

quanto as de Mitterrand do passado quase longínquo:

(-- “[...] *Qui sont ces nouveaux pauvres? Celles et ceux que notre société abandonne sous les coups du chômage. Combien sont-ils? On ne sait pas.[...] Mais un responsable politique en mesure de peser sur le sort de chacun a le devoir de refuse l’exclusion. Je demanderai donc au prochain gouvernement qu’un revenue minimum soit attribué aux victimes de la nouvelle pauvreté. Peu importe le nom qui lui sera donné, revenue minimum d’insertion ou revenu minimum garanti...L’important est qu’un moyen de vivre ou plutôt de survivre soit garanti à ceux que n’ont rien, qui ne peuvent rien, qui ne sont rien.[...]”*)

Contudo testemunham o premeditado engodo e a bazófia de impostores

[agindo em causa própria.

Agora é quase chegado o momento de um bom e cheiroso feno,
 pensam profundamente os ruminantes,
 acompanhado de uma cuia de alfafa ou duas, e de uma mancheia
de açúcar de beterraba,
 regimentalmente entregues pelas mãos do tratador, e por fim a baia
[que é a sua cama macia de peneirada serragem,
 depois de longa arenga ouvida e palavras viris dos políticos itinerantes,
[e da cerimônia das medalhas
 conferidas aos que, quase imberbes, dedicados aspirantes, e futuros
[invasores de colônias reconquistadas,
 aguardam a boa guerra que não virá, “*pour Dieu je prie*”,
 e a xepa da cantina, submetidos a um futuro fardado nada promissor,
[terra, mar e ar.

Melhor entretanto a horaciana *aurea mediocritas*, bem armada e militar,
 que a desonra da falta de um emprego e a fila da fome, e ainda
[muito melhor do que tocar acordeón no Chatelet,
 por umas moedas, se o turista vier, todos os dias, *sauf lundi*.

Eis Juliette, a pequena, desolada e mansa criatura, agora agitada,
 quase nervosa, pois M. Vassilikoff atrasara.
 Mas ele traz boas ideias para o almoço tardio, e no bolso
 em uma pequena caixa com tampa de feixe dourado,
 esconde uma joia que prometera para si mesmo um dia
 dar-lhe no momento mais apropriado, que seria o de maior tensão
[entre ambos.

A peça era cara,
 deveria valer cada centavo, e para tanto era necessário que consolasse
[verdadeiramente
 o coração intranquilo de Juliette. E aquela era a ocasião.
 Ele segura as mãos da delicada criatura, traz seu corpo para perto do seu,
 envolve sua cintura com a mão que está livre dos embrulhos

e a arrasta para o restaurante da rue Monge. Parece-se com Yuliya, às
[vezes,

mas quando a toca e Juliette se torna
pelo toque absolutamente concreta e material,
a filha roubada nela se apaga, resta o o sentimento constante e difuso
da perda, a sensação da impossibilidade; a crescente, áspera e rascante
[presença do espírito vingador em sua alma.

É ele que domina o espírito conciliador sempre fraco, instável
e inseguro de Vassilikoff; que toca com a ponta dos dedos
o presente, mas ainda não o entrega. Algo lhe diz espera.

O objeto escapa de seus dedos e afunda em seu bolso.

Vassilikoff não sabe o que fazer.

Nessas horas quase não o aflige decidir o que comer.

Nada, quase nada o obseda mais do que ele próprio,
como se estivesse perdido em um cais na neblina,
aflorado de outro cais na neblina.

Olha para o garçom, para Juliette, para os pratos vazios,
para o candelabro no centro da mesa com uma vela amarela,
ladeado por um pequeno arranjo de flores do campo.

A vendedora de bebês segura o braço de Antoinette de Bonneheure
à altura do Rond-Point da Champs-Élysées,
defronte as escadas de acesso ao metrô Franklin Roosevelt:

“tenho palavra, quero o dinheiro agora, ao menos uma parte.

Em dois dias trago a criança, com as fraldas secas e uma chupeta

[escondida na cesta, nesta mesma hora e lugar.”

Robert dá três passinhos para trás e protesta:

“Est-ce que vous n’étiez pas thaïlandaise?”

“En quoi vous voulez me transformer?”

Oh, mais non, la petite, oui.

En Thaïlande elle est bien à l’aise, elle est chez soi.

Moi, pas du tout, je suis russe, je m’appelle Iekaterina,

comme la personnage de Dostoievski. Enchanté, quand même.”

Antoinette vislumbra uma muralha assustadora subitamente se erguendo sobre ela; cúmplice de um delito, recua também e treme.

Agarra as frias mãos do mágico, com seus quinze dedos ágeis, entre os quais a mentira e a imaginação se mesclam e se associam

[sem alarde,

mas ele também tem paúra, assim, fora do costumeiro palco, em que noites e dias lá se transformam em auroras cor de mel, e onde o ferro bruto torna-se pluma, ar, sabão, e o espaço um espesso forro prateado.

Tudo agora no mundo verdadeiro era discrepante, sob um céu cinzento

[e muito igual.

Intimidados, mesmo assim pagaram uma parte do trato. Iekaterina se foi, depois de contar o dinheiro e embolsá-lo.

Afastou-se e voou, testemunhou o ilusionista,

como uma Inana, e desapareceu com suas asas invisíveis

no espaço que nem mesmo os Mirages conseguiram tocar

[com sua sanha e cobiça desmesurada.

Antoinette media-se menor ao vê-la partir,

nas escadas do metrô,

entretanto ambigualmente despojava-se da farsa,

que tanto acalentara,

já que o sucesso parecia mais distante, e por isso

sentia-se boa e leve,

como se já tivesse sido suficientemente castigada.

Ainda assim, triste, pois queria cometer o crime,

e por isso tanto incriminava-se como consentia e aprovava.

Apreensiva entretanto aguardava a inevitável pena que viria.

Pombos brancos e coelhos amestrados não gostaram da azedia

[do espetáculo,

e por pouco, delicados, não vomitaram.

Entre o Panthéon e a place de la Contrescarpe Pierre Ruisseau
foi arrastado, embalado, ninado, forçado a abrir os olhos;
e obrigado a caminhar alguns míseros passos, enquanto seus pesadelos
o lançavam em lombos chucros de cavalos, contra sebes de minúsculos
[espinhos.

Não obstante, seus joelhos cediam e suas pernas fletiam
quando o empurravam pela estreita rua.

“Allons-y, Pierre, allons, marchons.”

O pequeno respirava fundo, empenhava-se em atendimento
àquelas vozes, mas pouco avançava.

Ruisseau se entregava aos poucos ao inimigo.

Finalmente foi dominado e esfregando o punho nos olhos
enfiou o joelho nas alvas ilhargas da mãe, muito severa e agitada,
que sentiu o golpe. Mesmo assim,
foi induzido a se sentar em um comedor infantil, a abrir a boca
e a cumprir o destino humano de comer.

Um pequeno restaurante na rue Mouffetard ainda aberto,
com as bandeiras da Grécia e da França,
era o templo de seu sacrifício.

A execução era assistida por um homem de branco com gravata preta,
seu pai, e por sua mãe, que segurava sua cabeça e o submetia à tortura,
obrigando-o a engolir um caldo ralo de carne, batata e aipo.

Se não o deixassem respirar teria morrido, para felicidade
de Caronte, que já ansiava por empunhar os remos de seu barco,
retomando sua cotidiana tarefa de coletor do Inferno.

Almoço findo, Ruisseau foi levado como um troféu pesado
para o desfile do dia do trabalhador.

Viu cavalos e cavaleiros, empertigados e confiantes;
rifles e espadas erguidas com premeditada alegria e zelo,
e uma banda militar com homens veteranos com bochechas vermelhas;
ouviu o som incompreensível de vozes sobrepostas, com brados e preces.

(“[...]L’important est qu’un moyen de vivre ou plutôt de survivre soit garanti à ceux que n’ont rien, qui ne peuvent rien, qui ne sont rien. [...]). “À bas le pouvoir de la droite, à-bas le pouvoir de la gauche, nous sommes des ouvriers, on vas gagner tout entier le monde.” À bas les anarchistes, il nous faut de la discipline, il nous faut accepter le régime.” “À bas tout ce que se trouve dans nos chemin, à bas les mecs et les flics, à bas l’armée et la tyrannie du peuple.”

Sentiu o rumor de pés e patas em marcha batendo contra o asfalto escuro
[e molhado da chuva,
e chegou a vislumbrar faixas no céu (que eram de protesto)
como nuvens brancas agitadas pela ventania.
Depois, sua cabeça, recoberta com uma toca de lã amarela que a cingia,
encontrou os ombros seguros e confiáveis da mamã,
seus lábios tocaram aquele branco pescoço, cuja dona,
de tanto ansiar por mais amá-lo,
o apertava como se não o quisesse jamais salvar.

Quatro horas da tarde, há redemoinhos de pó
no cruzamento da rue de Rennes com a Vaugirard,
no cruzamento da rue de Sèvres com a o boulevard Raspail,
mais precisamente do lado da praça Le Corbusier.
Assim também na calçada do museu d’Orsay,
nas escadas do Jeu de Pomme,
na rue St-Honoré, à altura da Comédie Française.
A poalha em turbilhão perturba as retinas frescas ou cansadas,
sem distinção de idade. Os passantes protegem os olhos,
e firmam os óculos sobre o nariz quando um vento enregelado
se insinua e ataca frontalmente um redemoinho na avenue de Breteuil,
bem próximo da Place Vauban.
Soldados perdem suas boinas por instantes, guarda-chuvas são revirados,

para desconsolo de elegantes mulheres apressadas;
 largas golas de gabardines bem usadas se agitam como asas de borboleta;
 idosos firmam-se em suas bengalas, protegendo o nariz,
 suspendendo a fala.

Capas, sobretudos e guarda-pós têm suas abas erguidas, e aparecem
 pernas torneadas, varizes muito graves, e calças rotas nos joelhos.

A poeira se ergue e se espalha no ar,
 colando-se a pescoços suados e testas adejantes.

A pele da água do Sena encapela-se e subitamente
 em pontos isolados uma chuva fina cai sobre gentes e carros,
 sobre marquises e túmulos sacros.

Alguns raios de sol intrometem-se, contudo, por entre claras nuvens
[matizadas de laranja,

projetando jatos de luz em frontarias de prédios, em bancos
 de jardins, na cantaria de igrejas, no frontispício de mercados e lojas,
 no dorso de animais de bronze
 e em estátuas de bons poetas,

(odiados em vida, laureados depois de mortos), plantadas em praças
[públicas;

sobre as tampas esverdeadas dos *bouquinistes* das margens do rio,
 sobre um e outro telhado.

Entretanto a chuva ganha novo vigor
 e se espalha democraticamente por toda a cidade.

Naqueles instantes de precipitação, que foram breves,
 os gestos ficam suspensos, as diligências postergadas,
 rápidos encontros casuais abreviados, medidas economizadas,
 ademanes cancelados, passos encurtados.

Um pouco depois das quatro da tarde dissipam-se no ar fresco
 e úmido os últimos odores e fumos do almoço; expectativas pungentes
 são abandonadas, promessas regateadas, certezas são infirmadas
 e os nichos, as sombras e os claustros de muitas igrejas
 (como a St-Germain-de-Prés, a Notre-Dame, a St-Gervais,
 a St- Séverin, a St-Julien- le-Pauvre, a Ste-Chapelle),

apesar de tudo,
 aguardam com paciência
 a visita reconfortante da prece de um devoto.
 Em uma delas, Saint Louis en l'Île, um órgão toca como se houvesse
 [paz.

Feita a digestão quase que por completo, o nervosismo natural
 regressa ao espírito dominante, carros e condutores esbravejam,
 na Place de la Bastille,
 alguns arrancam apressados, aberto o sinal,
 as pessoas se separam de outras arrependidas de as terem encontrado ao
 [acaso.

“Uma aporrinhante maçada, logo agora aquele tipo cabisbaixo
 se empenha em vir em meu encalço!”, pensa um jovem tesoureiro
 [de muito talento

no boulevard Richard Lenoir,
 (pois é preciso realizar alguma tarefa muito urgente e necessária,
 embora não se possa com segurança afirmar qual seria;
 é mister demonstrar que a alta ocupação profissional e social
 de cada um proíbe terminantemente a perda de tempo com um casual
 [encontro de rua.)

Cresce nesses momentos o constrangimento geral,
 razão de ser das esquinas e calçadas de Paris, dos bancos de jardins,
 [e dos semáforos.

A única verdade é que todos querem se exhibir, seja no L'Étoile,
 seja às portas do Hôtel de Sens ou no meio da Place des Vosges,
 mas ninguém quer testemunhas, a mente parisiense é um cartão postal
 [delido.

A chuva para de cair, e Nikolai tem um palito entre os dentes,
 uma vassoura saliente nas mãos, e um desfile de imagens
 que na memória fazem acampamento e o atormentam.
 A calçada do restaurante da place Dauphine apresenta pequenas poças

de água, filetes azuis e dourados de gordura, escamas
de outras lavagens e de outras horas sem alento.

Com vigor Nikolai esfrega o piso, atacando-o com a energia
recobrada do bom almoço ganho. O patrão o examina
como se não o examinasse, e os últimos clientes nele não pensam,
como se em algo mais pensassem. No chão subitamente vítreo,
Nikolai assiste a cenas de dor, Alina tão recatada, presa em Marseille,
o iugoslavo sangrando atordoado, no trabalho.

Sua pequena casa se desenha branca e lúcida em Cáchin,
E o calor que dela emana sobe até suas mãos, pela íngreme vassoura
[inclinada.

Se pudesse ao mesmo tempo assistir ao sonho e repelir a desgraça,
talvez não pensasse em morte. Seria bom.

Sua vassoura repassa e passa, Nikolai tem tantas coisas
na cabeça de bastos cabelos, tantas aflições no coração,
e no fundo do espelho de água da calçada o rosto de Alina,
suas mãos escondidas, amputadas,
seu corpo escorregando para o viscoso porão do navio,
subitamente no asfalto o desenho de uma janela em que a luz treme,
nela colado o trecho da carta:

“dela não sabemos, procure voltar, informamos que seu pai morreu”,
palavras frias como se nada tivesse fundamental importância,
quando ao contrário eram toda a sua vida, depois o breu.

A chuva regressa, banha mansamente os telhados
e as árvores da praça.

Nikolai entra no bistrô e ao entrar retira os talheres e pratos de umas
[mesas.

Há uma notável diligência em seus atos,
como se tudo ao redor fosse seu.

Ele se entrega às coisas ao redor,
ou são elas que a ele mansamente se entregam, confiantes.

Se tivesse a capacidade de consertar o mundo, reordenar as palavras
[que o explicam,

escondendo seu pequeno mérito, se sentiria melhor, sofreria menos ou por outros motivos.

O patron tudo vê, tudo mede.

“Voilà quelqu’un qui vraiment travaille.”

Mesmo onde há sombra, Nikolai vê Alina.

Não há mais chuva na place Dauphine.

Jamil e Gomil são levados nos braços
da caravana familiar
que deixa o restaurante,
mas que segue sempre pela Vaugirard,
direção do Instituto Pasteur, dobra depois à esquerda
na Paul Barruel, para visitar um parente
na Lecourbe. Um brilho embaralhado e morno, de pechisbeque
recoberto por uma ligeira gaze,
acaricia as cabeleiras e os gorrinhos infantis.
As crianças babam e seus dedos têm grudada
a papa de aveia que tomaram à força.
A grande família gesticula muito e protege os olhos contra o sol,
as crianças também, e com isso aos rostos de Jamil e Gomil,
os grumos de cereal se colam, aumentando a imundície
[de suas delicadas figuras.

Essa evidência

produz um sombrio desencanto nos adultos.

Como introduzir os filhos em casa de Assad, uma vez que agora
as crianças parecem ter sido encontradas em uma lixeira de Arvad?

Limpe-os um pouco, apenas isso, terá algum deles sugerido,
sacudindo irritado e impaciente um lenço.

Afinal, Assad era um tio, gente da mesma família, embora de outro ramo
[lateral.

A troupe interrompe a caminhada
e intensamente envolvida ataca o problema.

Os meninos Jamil e Gomil ficam nervosos com a agitação
e regurgitam ao mesmo tempo
o resto do que ingeriram. Nenhum lenço dará conta disso.
Em seguida se olham, iguais, mas um será homem, a outra mulher,
por causa disso ostenta a última um lacinho rosa enrolado numa mecha,
sempre avidamente procurado pelo olhar dos pais,
temerosos de se enganarem.
Contudo, mesmo se reconhecendo menos iguais,
Jamil e Gomil se procuram,
tal como uma imagem busca sempre seu espelho
um quer a outra, assim como Gomil quer Jamil.
Seus braços se desvencilham do pescoço dos pais,
até que finalmente conseguem colocar
seus rostos frente a frente.
À porta da casa de Assad as crianças voltam a chorar, agora abraçadas,
porque sabem que estão ambas vivas
e, ao se redescobrirem, decepcionadas,
novamente desgostam do que veem e sentem uma indefinível amargura.
O mundo parece pequeno para dois seres iguais, disputando os mesmos
[rivais agravos.

Ao som da campainha,
os meninos assim enlaçados voltam a vomitar.

Com as calças arregaçadas e os pés descalços,
Martin balança as pernas na beira do cais de Valmy, mira o curso
d'água, manso e barrento. Se um barco o levasse para mar alto
com um cofre de dinheiro na sacola e Jozy do lado, então.
Jozy, não, ela quer um bebê, não um navio, quer uma casa,
avec un petit jardin, na periferia e um homem que tenha um relógio
no espírito, um despojamento de todas as extravagâncias,
que são as melhores coisas da vida, uma rotina de ganso
na engorda.

Se ferisse ligeiramente o chefe: uma estocada
 com a ponta da faca, justa causa, allez chômeage, venez au plus vite,
 faria uns bicos, algum serviço de encanamento para os conhecidos,
 venderia para um deles o relógio de família, o Peugeot também,
 um presente de surpresa, para aumentar o enxoval que possibilitaria
 uma viagem a Nice. Não, diria ela, para o bebê. Sim, o feriado está
 [terminando,

amanhã é o dia, a justa causa é a boa causa, a causa justa,
 a causa de todas as causas, usar o sistema contra o sistema,
 não fiz por querer, o supervisor me ofendeu, sou injustiçado,
 abaixo o Estado, o senhor vê, feri a perna, à altura da panturrilha,
 um desastre, estava na cozinha, não, estava operando uma máquina,
 não posso mais trabalhar, azar da companhia de gás,
 vale mais o trabalhador que o capital, que sempre se multiplica.
 Não tenho mais como trabalhar, nem posso ficar de pé,
 anos de dedicação, finalmente um emprego,
 em que fiquei alguns anos. Um idiota sem imaginação, por favor,
 eu mereço o consolo de viver o resto da minha pena em liberdade.
 E agora, então, com um filho chegando, teremos ajuda de custo,
 remédios, defende Jozy, poderá beber algumas noites, distraidamente.
 Pode ir, fico com o bebê, faço um chá e convido uma amiga,
 Onde está o pote de chá inglês, Martin, todo o nosso dinheiro, os nossos
 [planos?

Não sei, não, que pote de chá? Aquele? Acho que gastei, acho que perdi
 no jogo, acho que roubaram, não sei quem pode ter sido,
 caiu no rio, será que é aquela caixa ali boiando, indo embora?
 Estava no meu colo, fui coçar o queixo, fui comer um queijo, caiu no rio,
 gastei para consertar o carro, pagar o aluguel, depois reponho.
 Dane-se o dinheiro, para quê serve se não é para gastar quando se quer?
 Entregue o filho ao governo, que precisa de braços escravos, Jozy,
 desculpe, não quis dizer isso, que bom um filho, parecido com você.
 Quando crescer vai trabalhar na empresa de gás e lá ficará até morrer.
 Ficaré antes disso neste cais, desta cidade velha, como eu, amargurado.

Se pudesse beberia um pouco mais
 e me sentiria menos mal por haver bebido tanto, essas as regras secretas
 das sábias garrafas que nos dominam a cada esquina.
 Era o caso de dormir, de ser atropelado por um trem, por um camelo.
 Se morresse afogado, Jozy receberia o seguro, o homem morreu estafado
 de tanto se entregar ao trabalho, envenenado pelo gás, um herói.
 Ou, melhor: uma explosão no cais de Valmy, terrível estrondo,
 o operário não resistiu aos ferimentos,
 não exalou um suspiro, e nem poderia:
 sua cabeça perdeu de vista o corpo, para sempre. Um céu de nuvens
[acinzentadas
 foi a última visão de seus olhos de vidro.
 Onde foi parar meu resto?

(Ao redor da canal Saint Martin, o tempo parece sempre ter sido
[interrompido.

Um longo e inesgotável domingo, dia e noite, todos os dias,
 condena as famílias a se arrastarem sem pressa
 como se tivessem pedras atadas a seus calcanhares,
 retendo-lhes o passo; animais soltos latem, aflitos
 para que seus donos os obriguem logo a correr em busca
 de um osso de biscoito, atirado, ou de uma bola de borracha
 que maliciosamente retêm entre os dedos, com as mãos nas costas,
 no intuito de colher o cãozinho de surpresa.
 Crianças soltam as mãos zelosas de seus pais e giram em círculos,
 umas ao redor das outras, movidas por algum acordo secreto.
 Fotos são tiradas por pessoas que parecem
 filhas diletas da desocupação mental.
 Após dispersarem tanta compaixão e desprendimento no ar,
 casais enfatiados depois de um século se beijam,
 na inútil tentativa de acordar o morto instinto e o velho desvelo.
 Isso acontece em ambos os lados do canal, de maio a abril,

e a cada novo dia os atores e figurantes do espetáculo
são parcialmente substituídos por outros.
Os mais assíduos moram por ali,
e prodigiosamente parecem que não se cansam de tudo isso.)

Martin interrompe seu tartamudear sem sentido e fixa sua atenção
no outro lado do canal. Ele se descobre em meio
a uma cena da qual não faz parte. Uma espécie de festa
sem alarde, sem música, parece ter lugar em um mundo paralelo, alheio
[ao seu.

Entre o cais Saint Martin, de um lado
e o cais Jemmapes, do outro, há um homem só,
e há só um homem que sofre, no mundo inteiro que transita em sua
[cabeça, em tudo aquilo que seu espírito espreita.
Os demais de sua espécie não demonstram o menor interesse em sua dor
[pessoal,

nem ele na deles. (Haverá melhor meio de mais sofrer?)
O homem só é apenas uma pequena rasura na paisagem,
um acidente insignificante, um paralelepípedo que se ergueu do leito
[da rua ao acaso,
como se tivesse nascido ali em decorrência do erro de alguém;
é um traço indefinível misturado ao turbilhão de cores que o olhar
[humano
contempla em busca de uma epifania, ou apenas de uma ilusão
[que seja geradora de um curto benefício que gratifica.

Martin está perdido em meio a projetos inconciliáveis.

Inclina-se para um lado e se deita,
com o rosto sobre seu braço.

Estira-se ao longo do calçamento da beira do cais
e sente o frio contato de seu corpo contra o lajedo,
e de seu braço contra a sua face.

Domina-o um estranhamento

decorrente do contato
de uma região de sua pele com outra.
Quanto teria dentro de si, que não ele?
Ou seria a completa compreensão de si mesmo
apenas conseguida
através de um entendimento sempre em pedaços desconexos, parcelar.
Era contudo ainda assim um sentimento rarefeito,
construído por meio de inextricáveis dicotomias,
e da insubsistência da linha em benefício do intervalo.
Era a indefectível exclusão
em meio à necessária e inadequada inclusão.
Tais sentimentos complexos não cabiam no cérebro de Martin,
repartido também em diversos embates e desmandos;
melhor seria debruçar-se sobre o verso de Éluard,
se o tivesse lido, com sua euforia pelas palavras,
cativo daquelas idealidades vazias que se desbaratam
no contato com a coisa concreta, mas que tem o dom
de entontecer a fúria. (Não, nem mesmo isso o satisfaria.)
Era de uma faca o que Martin precisava,
era de um rifle de cano duplo,
de um arcabuz medieval, que fosse;
de homens para construir uma barricada
e recuperar Paris do domínio da burguesia e da armada.
Era de uma estopa com gasolina e de um barril de pólvora.
Era de uma bomba molotov, de um míssil envenenado,
ou de alguma história feliz.
Onde Jozy, agora, nesse grave momento em que Martin retorcia
seus confusos pensamentos, deitado sobre o calçamento,
enquanto os pacíficos transeuntes que nasceram -- para eternos finais de
[semana ensolarados,
passeavam ao longo do cais, saltando alegres sobre sua cabeça
como borboletas na plenitude da vida – nem mesmo
se dando conta da carniça,

da nota de desarmonia, daquilo que só os animais farejam?

De um espelho art nouveau, no meio da tarde primaveril,
 porejam sombras disformes banhadas de refulgências de azeite e pez,
 veias escuras, arroxeadas, parecem querer saltar dos limites da lâmina
 [do vidro

e se nutrir do que reflete, com suas línguas vorazes.

Sua moldura de onde no passado
 brotavam labaredas de flores e folhas em ardente explosão de cores,
 tulipas, papoulas e ramagens de densa vertigem, agora, na penumbra,
 desgastadas pela ação do tempo e da pouca luz,
 parecem morta paisagem depositada sobre velha madeira repintada e
 [já podre.

Não há ali vida alguma, embora persista a lembrança dela,
 decorrente da dor ali deixada.

O restaurante está vazio
 e os últimos bafios da cozinha se dissolvem ao contato
 com o ar frio da grande sala de pesadas cortinas, agora mal iluminada.
 Entretanto há ainda uma panela ao fogo, em banho-maria, como que
 [esquecida,
 e do interior de um forno de bom aço vapores colam-se ao visor,
 como a tristeza em uma retina, à espreita do momento de escapar de
 [uma cruel miragem.

Ali uma carne se assa, como se o tempo
 não tivesse pressa, nem pena dos que esperam famintos,
 nas pobres ruas ou nas cercanias de ricos monumentos.
 Ao fundo, logo abaixo do espelho, sob uma mesa de canto,
 um gato se coça asperamente, com impaciência,
 aguardando o próximo repasto,
 ou devido ao frustrante embate com umas pulgas anafadas
 transitando em seu pelo.

Mas ainda é cedo para a noite vir e a vida lá fora

sob um sol ainda intenso se agita,
 em um ritual de tardes iguais, em que o parisiense que não trabalha
 visita, é visitado, planeja novos passos e compromissos,
 e é manejado pelas mãos invisíveis dos que retêm os fios da história.
 Das bocas do metrô da place d'Italie, da porte d'Orleans, de Saint-

[Michel;

da gare d'Austerlitz ou de Saint-Lazaire;
 da porte de Charenton, ou de Pantin multidões brotam
 das escadarias das estações rumo às calçadas,
 ou das ruas afluem para a malha de transportes públicos.
 Querem ir a algum lugar, comprar ou vender alguma coisa, olhar
 ou deixar-se ver por algum motivo, gastar o tempo da vida já gasta.
 Refazer com seus passos a memória que se viu perdida,
 esquecer com a cadência das pernas em disposição constante
 o que pode ser muito triste para ser lembrado,
 pois mais que nunca é necessário esquecer de algum crime, mesmo que

[pequeno.

*Uma indisposição cruel, como se eu não pudesse comer tendo fome;
 como se eu pudesse doar meu ânimo, não tendo a quem oferecer,
 toma-me como se me abandonasse.*

*Um silêncio cavo e agreste me envolve, baixo os olhos
 e examino a calçada irregular, como se lesse minha inconsequente*

[história,

com suas ranhuras, suspensões, enclaves e rupturas.

Há todas as encruzilhadas mas não há para onde ir.

*Testemunho fenômenos supranaturais ocorrendo
 no fundo de um espelho art nouveau.*

Jatos de óleo fervente emergem e deslizam pelo vidro estilhaçado.

*Essa visão me persegue como um presságio, como uma acusação;
 como se tudo estivesse instalado dentro de mim, como um desígnio,
 e não do outro lado da rua, em algum lugar de Paris.*

*Meu compromisso moral com essas visões turvas
torna-me subitamente um facínora, com o crime gravado nas mãos,
e meu espírito uma máquina dilacerada por mutilantes desvios de
[conduta,
tendo em vista que não sou agente de mudança nem mesmo
de minha própria vontade.*

*Assisto a tudo sem me comover; sem tenacidade me oponho
com discreta gentileza e lassidão. Deixo-me conduzir
como quem se entrega e me rendo com quem já declinou da escolha.
Não sei mais berrar nem me ofender, apenas murmuro com presteza,
quase com elegância, e ordeno a mim que adote a complacência
como estratégia para alcançar a paz. Em seguida acomodo-me
sobre a fofo cama de nervos abúlicos de meu corpo.*

*Entretanto a acalmia da alma não vem, do outro lado da rua
a calçada é crestada pela luz solar, e meu instinto oscila entre a treva e
[o dia.*

Não há projeto de plenitude que sobrevenha a tantas omissões.

*Há apenas uma tarde transitória,
de um feriado em que não trabalho porque me ordenaram
para assim proceder; existem apenas momentos nesta hora
de ócio e despreparo, e sofro mais porque há espaço, agora,
maior para o culto da dor, em mim.*

*Na ponta de um pêndulo
uma lâmina afiada oscila sobre minha cabeça em monótono vaivem,
macabra ilustração do que pareço representar para ninguém.*

*Perscruto-me: filamentos sensíveis já esgarçados, desacordo
pleno dos sentidos e nenhuma invenção nova
para as minhas horas desocupadas, constato.*

*Estou à deriva, condeno minha limitada utilidade
e sinto que as ferramentas que me ensinaram a usar
jamais possam edificar uma ponte
para me transportar para mais além.*

Avançam contudo as longas horas de luz,

*como uma praga incontrollável que se espalha sobre o rebanho humano.
Giro ao meu redor nessa ilha, quase perdendo os sentidos,
preso a um círculo de giz.*

V

Solitude et réverbère

A sirene da ambulância que transportou Fawwaz para o hospital Sainte-Anne há muito deixou de pedir passagem. Ele, entretanto, escuta ainda o uivo apressado do veículo, e a mesmo tempo sente que se encontra em meio a uma multidão de estrangeiros, subindo com dificuldade e falta de ar uma rua íngreme; uma rua que poderia ser, se ele soubesse seu nome, a Cardinal Lemoine, ou a Clovis, ou a rue de Clignancourt, ou ainda a rue Christiane, a rue Dodier, ou qualquer outra rua em aclive de Paris, em cujas calçadas, agora, pessoas se esparramam no fim de tarde e galgam ou descem em variadas direções, sem se voltarem para trás. Quando próximas umas das outras, quase tocando os ombros, parecem condenadas em um presídio de portas abertas, atendendo à ordem de caminhar, caminhar sempre. Algumas se chocam por distração ou ódio, e Fawwaz é sacudido por mãos afoitas e impiedosos braços de ferro, e suas pernas não obedecem à ordem geral de prosseguir. Delira de fome e de tristeza, e as caveiras das catacumbas de Paris, tão bem organizadas e empilhadas, por decisão de Thuny, entremeadas de tíbias, mãos e vértebras,

umas partes vigiando as outras, para que o sonho da unidade
seja uma promessa concretizável no final dos tempos,
todo esse monte de ossos que um dia Fawwaz visitou
olha para ele desde sempre,
sem olhos para ver. Vela por Fawwaz , que sonha
com Adara estirada na relva, abraçada
a outro homem que não ele.

Ali passam crianças com chocalhos, arrastando bonecas de pano,
em meio a cedros e imensos plátanos orientais
que já ganharam sua folhagem verde e protegem os amantes do calor.
Ao lado deles, chorando, Fawwaz assiste, impotente e perdido.
Tudo ao redor demonstra uma pressa incomum para nascer
e cumprir seu desígnio. As cores vibram nas retinas,
e os alvos dentes de Adara surgem sob um sorriso revelador.
Pessoas e famílias se aproximam. Acenam para o homem
e a mulher deitados, mas ninguém se dá conta
da presença de Fawwaz, nem de suas lágrimas.
Os enfermeiros seguram seus braços e pernas,
(todo toque dói como um rasgar de ferida)
transportam-no para uma cama de banho;
lavam-no, mas não sua memória e a chaga de sua história,
cruamente intacta.

Secam-no e injetam glicose em sua veia,
auscultam seu coração, mas não localizam sua dor,
tomam sua pressão arterial, mas não descobrem
o que o mobiliza para a morte ou para a vida; sabem apenas que é
[alguém que pena:
um estrangeiro, um desterrado.

Levantam suas pálpebras e seus olhos continuam cerrados,
voltados para um pesadelo dominador.
De cada um deles emerge um monolito de pedra, envolto em sangue.
Os abutres sobrevoam sua cabeça com gorros azuis e máscaras

[hospitalares,

Adara.

*Eis enfim a solidão sem que eu possa
tocar sua matéria como se fosse outro.
É entretanto uma coisa viva, indivisível.
Não posso mirá-la, esbofeteá-la, desprezá-la.
Pressinto por um segundo que o menino que chora
desde a fenda daquele espelho art nouveau
seja eu, e chora por sentir-se triste, ou só,
ou provavelmente pelo ambiente de horror
em que se encontrava; sou eu como fora um dia,
mas não chora da solidão de agora.
Ela está aqui, sobre mim, opressora
e intransitiva, sem ostentação ou sinal de ruptura,
sem cacoetes, não se abala
pelos queixumes da alteridade;
sem eloquência, sem meneios,
sem negociação, sem bifurcações,
sem oscilação de caráter, sem nervos,
sem ecos, sem voz própria, apenas músculos;
sem o embate pernicioso entre a culpa implícita
e a condenação explícita.
Não posso interpelá-la, espezinhá-la, ameaçá-la.
Está dentro de mim, como está sobre mim, mas não está jamais.
Não posso atribuir a ela um valor, um peso,
não posso contemplá-la e alimentar o meu senso de piedade.
Tenho os olhos secos e sem viço, presos a um rosto ausente.
Que constatação será essa que me repulsa,
se constato que a própria repulsa me condena e aliena mais?
Não há caminhos quando não há para onde ir.
Não há caminhos quando não se sabe de onde veio.
Há o transbordamento falso, simulacro do que não é,*

*agora apenas a cessação completa, a suspensão inteiriça,
a carência sem pregas.
Há uma omissão plena do desejo,
mas não há contestação da vontade, posto que ausente.
O imaginado é tudo o que não posso partilhar comigo.
Nenhuma força gerativa se oferece em meu corpo.
E o sentimento dominante é o de apenas a mim destinar
o que não chegará a ser, que é o mesmo que persistir vazio.
Vacuidade dentro da vacuidade.
Uma nuvem dentro de outra,
o limbo desintegrado no limbo.
A fronteira perdida na não fronteira.
A linha desfeita na curva,
e o menino atrás do espelho, oprimido e enfermo.*

Após o constrangedor almoço com Juliette,
em que não ousou entregar o presente,
e quase nada falou ou fez, além de comer e pouco
(ela tão parecida com sua filha amada),
Vassilikoff vendo nela, a todo momento, quem não era,
uma nova Yuliya e não a mulher talvez quista,
pagou a conta e se pôs a caminhar, arrastando-a,
como se a estivesse salvando de um perigo iminente,
quando na verdade queria fugir de si.
Tomou a avenue des Gobelins, cruzou a place d'Italie,
percorreu toda a extensão do boulevard de l'Hopital
e por fim sentou-se em um banco no Jardin de Plantes.
Deu-se conta de que os bancos de praça pareciam ser
o eterno ponto de retorno em sua vida.
Eram os locais em que mais se sentia isolado e perdido;
era onde nele acordava a criança que fora;
era onde consumia suas horas quando dela se desentendia;

era o lugar onde perdera o que mais queria manter.

Sou um bruto, pensou.

A mão de Juliette, arroxeadada, fora finalmente liberada.

Foi quando ele percebeu que ela chorava mansamente
como se o ar faltasse

e essa falta magoasse muito.

Vassilikoff quase disse uma palavra de consolo,

quase a estreitou contra o seu peito, quase tocou em seu rosto.

Limitou-se entretanto a tocar a caixa em seu bolso, com os dedos curtos
como quem ausculta;

e a olhar fixamente para os pedriscos do passeio

que a biqueira de seu sapato de duas cores empurrava, arrastava e

[recolhia de volta,

como se eviscerasse com cautela uma lesma.

Está confuso, cometia um pecado, se pergunta, ao desejar a mulher
que com Yuliya mais se parecia no mundo?

Não tinha culpa se sempre estivera em busca da menina.

O que poderia ter encontrado que não fosse como se fosse ela,
já que queria encontrá-la mais que tudo?

Culpa tinha a vida ao colocar em seu caminho Juliette.

Não, culpa tinha ele, ao não saber cuidar de sua filha

naquele dia em Boulogne. Se tivesse lutado até a morte

(e não entregado tudo como quem se livra dos anéis dos medrosos

[dedos);

se tivesse gritado mais alto, se tivesse corrido atrás com mais vigor;

se não tivesse levado Yuliya para lugares tão ermos, talvez sofresse me-
nos agora, talvez a tivesse salvo, talvez ambos estivessem mortos.

Mas que diferença faria se um não estava vivo para a vida do outro?

Não bastava ter perdido a mãe de sua filha no parto, de quem herdara
tudo: algum dinheiro, propriedades, e uma menina doce?

Havia uma fartura que se tornara escassez;

uma vida que se aviltara e corrompera,

na mesma medida em que a intensa luz solar

cegava agora a sua visão e crestava a sua face, ao invés de confortá-lo e
[fortalecê-lo.

Vassilikoff cobriu o rosto com as mãos,
depois arrumou o chapéu sobre a cabeça.
Juliette ofegava brandamente. Às vezes vinha um soluço;
olhava fixamente como quem quisesse esquecer
a sombra que nascia de uma olaia
e às vezes repuxava a borda da saia,
como se tivesse frio ou receio.

Mesmo assim ele não tocou no seu rosto salgado de lágrimas.

(Pobre Juliette.)

Na verdade nem quis olhá-lo, não queria rever Yuliya triste a seu lado.
No momento em que mais teve pena de si, retirou a joia do bolso
e a entregou à noiva.

Toscamente disse: “c’est une bague”.

Não quis mais pensar que se havia precipitado.

Vendo Iekaterina sumir como uma avantesma, na escura e despovoada
[boca do metrô, àquela hora de fim de tarde

(levando a parte do dinheiro acertado no negócio),

Antoinette sentira que o tempo se suspendera e a aprisonara
em um coágulo feito de ansiedade e aflição, culpa e heroísmo.

Ao redor dela poucas pessoas passavam. Havia folhas queimadas e vento
[agitado

sobre sua cabeça, como se a própria cidade estivesse em suspensão,
aguardando algo que alimentaria o movimento perpétuo da vida.

Junto dela, Robert imóvel, esperando que ela chorasse
(ele segurava a sua mão fria).

Culpa de um lado, heroísmo de outro.

Esses conceitos se chocavam, se atritavam,
mas permaneciam estranhamente intactos,

(culpa de um lado, heroísmo de outro, quase uma volúpia insensata

em que as vontades opostas lutavam).

Lembravam em seu antagonismo

os bem urdidos passes de mágica de Robert,

em que o resultado era maior que a soma das partes;

em que o todo era estranho à natureza do que lhe dera origem:

cartas de papel transmudadas em pombos de penas e alegrias de alforria,

copos de água transformados em varal de flores de pano,

bengalas de castão de ouro convertidas em lenços coloridos amarrados;

contudo, também, anéis de brilhantes dando lugar a falsas moedas de

[latão,

entretanto tudo era real e concreto,

não eram bolhas de sabão o que o destino lhe oferecia;

tudo era tão real, tanto quanto a fantasia podia ser.

A criança prometida era outro caso. Chegará a ser querida,

e a ser amada, se traz consigo o sinal na testa da trapaça?

Como saber? O certo é que o compromisso havia sido firmado,

o sinal em dinheiro repassado e Albert, convencido.

Antoinette estava aprisionada nesse labirinto.

E, pior, sentia no peito a morte do outro filho, que não vingara.

(essa lembrança era uma cruel emulação com o presente.)

Algumas horas se passaram, como se não tivessem saído do lugar,

ou foram apenas breves instantes de gelo em suas mentes.

Que importância tinha o tempo, se a vida inteira parecia iniciar e fenecer

[naquele momento?

Robert notou que se instalara o pânico e o torpor em Antoinette.

“Não podemos mais ficar aqui”, disse ele, com seus olhos de mágico desprovidos de magia, apenas de ternura redimida.

“Vamos, vamos embora.”

(Partiram dali como se em fuga.

Pelo caminho pedestre, o mágico

foi transformando recortes de sua tristeza acumulada

em bandeiras brancas de paz,

que se fixaram em lugares visíveis, a sua passagem:

avenue des Champs Elysées,
pont Alexandre III,
avenue du Marechal Gallieni,
rue de Grenelle,
boulevard Raspail,
Jardin du Luxembourg,
rue Gay-Lussac,
rue Claude Bernard,

onde o casal por fim interrompeu a caminhada
e entrou no apartamento da avenue des Gobelins.)

No trajeto, Antoinette percebera tudo, nada de fato vendo com os olhos
[do seu espírito,

embora a luz do dia se derramasse sobre todas as cabeças e árvores,
sobre as largas calçadas, frontispícios e colunas de granito.

Ao redor dela o mundo era todavia escuro e grave,
salvo as bandeiras de Robert,

que tinham brilho e forte luz -- que por vezes fustigavam seus olhos
[congestionados.

(Ela cobria o rosto com o dorso da mão, como uma condenada,
quando na verdade ele queria que ela se sentisse uma princesa,
uma amante benquista, ou ao menos uma futura mãe feliz.)

(Uma golpista?)

Em casa, Robert auxiliou-a a tirar a capa e os sapatos,
ajudou-a a se deitar no quarto.

Aninhou a sua cabeça no travesseiro,
beijou-lhe a testa muitas vezes, com duas bocas frementes.

Antoinette ofegava, grávida do segundo filho.

Robert despiu-se de todos os paramentos de sua arte.

Libertas, borboletas em bicicletas
se exercitaram um tanto, sobre uma mesinha,
antes de se esconderem em seus bastos cabelos.

Pierre Ruisseau ressonava em plena rua, causando cócegas no belo e quente pescoço de maman, quando repentinamente fora agitado por ela, que sempre muito nervosa, ao dar-se conta de que um vento frio impróprio voltara, decidiu que tinha o dever de proteger os brônquios e o peito delicado de seu filho, com um pulôver e um cachecol, para evitar que se resfriasse. Maman tendo tudo isso considerado, empreendeu todos os seus esforços para enfiar a roupa de lã pescoço abaixo de seu filho, sempre lastimando muito a inapetência do pai para essas tarefas litigiosas. (Ele a observava com as mãos nas costas, como se aguardasse que o destino o chamasse para um desdobramento imediato mais vitorioso e emblemático. Tinha entretanto sob a mira do olhar, no mundo real, um par de pernas que perto dele passara.) Com as sacudidelas aplicadas por ela, Pierre fora arrancado do passeio que dava sobre o lombo de um elefante em uma pradaria africana cheia de cactus [muito espinhentos mas ainda assim floridos; acima da cabeça do infante, sempre na esfera do sonho, nuvens baixas passavam, apressadas, carregando esquilos e cobras e uma bicharada da mais variada ordem, para perplexidade do sonhador. Acordou antes que o pulover tivesse passado inteiramente por sua cabeça, e o susto não foi pequeno. “Maman, maman!”, gritou ele, logo que foi arrancado do passeio onírico e atirado no pior dos mundos: o da tirania familiar. “Tenho calor.” Pierre lutou para se desvencilhar dos braços que os seus agarravam, mas acabou dominado, vestido e sucumbido. Chorou, fungou muito e pensou que se fosse um gavião, com garras afiadas, se defenderia melhor dos inimigos. Pensou também o que faria se fosse um leão.

(Ficou enjoado.)

Ao lado de sua família, bandos da milícia, ainda fardada,
Passavam, buscando a dispersão mais inconsequente
pelas ruas do bairro.

Com ódio represado, Pierre seguiu a passeio pela Mouffetard,
sempre ladeira a baixo até o boulevard du Port-Royal.

No meio do caminho, Pierre foi deposto nos braços de papa.

A bela mamãe, depois que dele se libertou,

deslizou as mãos pelo tailleur de seda,

e sentiu o frescor da liberdade. Desamassou as abas da gola,

com as pontas dos dedos de unhas bem tratadas e pintadas,

esticou a ponta do casaquinho, bateu com as mãos abertas

ao redor das ancas e depois sobre as generosas coxas.

Por fim tocou os cabelos de leve, como se quisesse

certificar-se de que cada fio e cada mecha estavam onde deveriam estar.

Depusera, enfim, o cetro de mãe e recuperara o de mulher.

Papai ao contato físico com o herdeiro ficou teso, e se apresentou

mais rebarbativo, minaz e intransigente do que de costume.

Estufou a musculatura peitoral, ergueu o queixo e encolheu a barriga,

buscando equilibrar o balanço dos cotovelos e seus respectivos ângulos.

Com esse comportamento entre condescendente e relutante

acolheu o filho como se em seus braços deusessem um embrulho

cujas guardas agora dependiam exclusivamente dele.

Empertigado e ligeiro, avançou pelo boulevard, como um estafeta em

[serviço.

A mãe o seguia preocupada em não perder a recém-recuperada elegância

[feminina

e por isso olhava bem o chão à frente, para não prender o salto alto em

[algum buraco.

Seu filho, contudo, sofria com os solavancos do transporte;

Pierre se debatia e transpirava porque alguma coisa nele entendia

que tudo era um castigo, mas não podia compreender que mesmo sendo

um sofrimento real, não cabia a ele nenhuma culpa.

Pois não sabia o que era a dor imposta, o castigo injustificado.

Se pudesse ser eloquente, talvez gritasse: “que fiz eu, que castigo mereço, que culpa tenho?”

Entretanto essas coisas não estavam assim postas e arrumadas em sua

[cabeça;

ele apenas podia mostrar que queria arrancar o pulôver a qualquer custo,

pois sentia que estava quente, e que suas fraldas estavam pesadas,

o que sempre acontecia quando chorava ou esperneava.

(É sempre preciso enunciar o que a mente não soube esquecer, mesmos os rostos de caráter deplorável, os gestos ofensivos dos que ferem sem razão, pois sem a honra a preservar caminham mais celeremente, posto que mais leves, de tal modo que com esse artifício pressentem equivocadamente que estão escapando de si mesmos, quando de fato apenas se iludem.

Sempre será nas gavetas recuadas do cérebro

que a barafunda desorientante de experiências ganhará seu lugar,

quer como lembranças, vagas recordações,

impressões, mesmo que confusas,

tudo enfim armazenado de um modo mais intrigante

e reconfortador do que qualquer fotografia comprada.)

O gato que circula ao redor do espelho art nouveau

procura ajustar sua visão à luminosidade que lambe as cortinas

e se esquivava pelas frinchas.

Meneia a cabeça pequena, para de se movimentar,

coça seu focinho com uma das patas, como se fosse um cachorro,

procura ouvir os ruídos ao redor, reconhecer sua origem e gravidade;

comparar o que colhe agora com o que colheu outrora,

a seu modo armazenando, compilando, para sua maior segurança e

[entendimento.

Em seguida, desvia-se do espelho e evita olhá-lo,

talvez porque de alguma maneira percebeu

que seria uma experiência devastadora e inexplicável.
Circula pelo salão do restaurante,
ora deixando-se colher pela luz,
ora entregando-se às sombras.
Escolha difícil, mesmo para os humanos.
Junto ao pé central de uma mesa de canto,
sobre a qual dormem garrafas de vinho e moedores de pimenta,
o gato encerra por instantes sua movimentação.
Deita-se ali, como se regozijasse de algum êxito,
e fecha os olhos como se dormisse.
Não se poderia afirmar que pensa,
ou que meramente reage a seu instinto de sobrevivência.
Entretanto as pulgas, sempre muito operosas,
trabalham, trabalham e, presume-se, fornicam e bebem seu sangue,
sem que isso o incomode agora.
Ao largo desse mundo feito de lances miúdos
e aparentemente desligada do resto, a primavera
exercita-se, ilude, convoca, gera calor, frio, umidade, cores;
quer certamente afirmar que toda a natureza
é igual sempre e sempre muito diversa,
daí as folhas verdes impressionadas com as pétalas amarelas, da nova
[flor em seu ser brotada;
a terra fofa e desocupada espantada com o musgo da rocha;
e a vegetação sem nome e sem testemunhas crescendo
lentamente sobre a pedra, em busca de sua materialização improvável.

O patron lhe oferece um cigarro,
Nikolai agradece e o acende.
A fumaça escapa de sua boca e disforme se dissipa.
Nunca fumou em Cáchin,
Nas estepes tocou em seu primeiro cigarro.
Alina preferia que ele não fumasse. Fazia-lhe mal.

Nikolai olha a praça, sempre ou quase sempre vazia,
 Fixa sua atenção no banco em que dormiu,
 antecipadamente sofre por ele e pelos russos pobres,
 lamuria-se ao pensar que terá que voltar a ele ainda naquele dia.
 Enquanto isso o dono do restaurante confraterniza
 com o gerente do hotel. Conversam, gesticulam, apontam
 para Nikolai, tocam-se nos ombros, sorriem
 como parte de uma irmandade, e olham outra vez para ele.
 “Tem um olhar de alguém que alimenta a raiva”, disse um,
 “Mas há uma obstinação regrada, um convicção quase religiosa”,
 [disse o outro.

“Contudo, obedece sem pestanejar, parece disposto e concentrado.”
 “Entretanto, olha tudo como se desejasse destruir, mas ao invés, zela.
 O dono do restaurante acentua mais o que percebeu e acrescenta:
 “é muito cuidadoso e é discreto, não teme o trabalho, só precisa de um
 [banho e de uma toalha”.

“Dou-lhe roupas de trabalho, lava-se no hotel, tudo combinado?
 “Tudo. Temos o homem na trela.”
 “Não exagere, quero mais ajudar do que tirar, estou velho,
 na hora de um pouco devolver ao mundo o que dele tirei sem perguntar
 [se podia.”

O russo vai agora ajudar na limpeza das retretas,
 Tirar o pó e o lixo dos andares,
 limpar com aspirador os quartos vazios, lavar os banheiros.
 “É quase furtivo, que é o serviçal que os hotéis mais precisam;
 não quero insinuar que pode roubar, longe disso”,
 disse o patron do Henri IV. “Ademais, nem o conheço”, acrescentou,
 como se lavasse as mãos.

“E ainda é rápido, não se detém a fingir que faz, não esmorece,
 embora pareça amargurado, como se viesse de um mundo em ruínas”,
 disse o outro.

E pensou mais: “talvez por causa disso pareça sempre conjeturar algo
 que está longe, embora perto.” O outro aduziu:

“ficamos assim, levo-o agora, para conhecê-lo e experimentar.”

“Devolva-o logo depois das sete, quero-o ajudando na cozinha, uma hora ou duas, mais, creio eu, e dou a ele um lanche reforçado antes de se ir ter consigo, no hotel.”

Dele aproximaram-se amistosos.

Contaram-lhe resumidamente o plano: uma jornada dividida entre dois
[patrões,

Nikolai deu um passo atrás. Precisava pensar antes que tudo avance.

No colo do velho e bom Assad, depois de lavados e trocados,
Eis Jamil e Gomil, roeados por objetos dourados em profusão,
tapetes coloridos da mais nobre espécie,
Mulheres vestidas como se despidas estivessem
com pulseiras, colares e brincos, todos em seus lugares certos,
pois a fortuna é uma festa, mesmo na mais resguardada intimidade,
e é preciso que seja contemplada, invejada e apreciada sem moderação.
Jamil e Gomil são transferidos, juntos ou separados, de colo em colo,
de um cômodo a outro, e em todos há sempre alguém
para mordiscá-los, apertá-los, cheirá-los, medi-los
(haja vista que por breves instantes em suas curtas vidas
estão limpos e cheirosos, como se tivessem saídos de uma loja
cujo estoque de bebês é sempre renovado a cada hora).

Na cozinha, por exemplo, se pensar em voz alta fosse permitido,
as cozinheiras diriam, “que lindos porquinhos para assar com peras,
depois de bem temperados e regados com vinho de boa cepa.”

Por fim o generoso Assad toma-os por instantes para si,
leva-os nos braços à janela da grande sala, que dá para a longa e

[extenuante rue Lecourbe.

Com as suas finas pernas empurra as cortinas pesadas
feitas de finos brocados,
com camelos, cervos, cabras e bom pasto verdejante sob um sol dourado,
e se debruça com eles no parapeito das janelas entreabertas.

Não basta partilhá-los, é preciso exhibi-los
 aos que passam na calçada ímpar; a outros que não são pais.
 Nesse instante, eufórico, Assad cantarola e baba,
 e esfrega sua barba nos rostos de Jamil e Gomil, que se irritam e também
 [berram.

O bom homem, muito performático e malabar, procura ajustar seu tom
 [de voz ao dos sobrinhos,

e o que poderia até ter o poder de ninar, agora só faz padecer.

Assad, Jamil e Gomil não se entendem, e o rico sibarita desiste,
 volta-se para o interior da sala e chama seus pais.

O velho esmorece, parece cansado, olhares discretos deploram seus
 [excessos;

os meninos birrentos são arrancados da sala. É hora de descansarem
 desse longo dia, decidem seus pais e os levam para um quarto.

Deitados, Jamil e Gomil se enfrentam, sem se enfrentarem,

sob um acolchoado macio, que os cobre até o pescoço,

seus olhos azeitonados pesam de sono,

mas ainda assim eles os mantêm abertos, olham-se caninamente,
 como se disputassem um osso.

Vivem um constante espanto, que é sempre grave,

toda vez que a sós se reencontram face a face.

Parece que haverá sempre em seus espíritos parecidos
 uma dor traumática e solene.

São como feras saídas de um poço envenenado,

cujas tampas vez por outra é aberta por um incauto.

Jamil mira Gomil, e na penumbra se olham com olhos de dormir,

através da película do líquido lacrimal, nem sempre cristalina.

Embora noite no quarto, negrume quase total, não fosse por uma luz

[na cabeceira,

para Gomil e Jamil é sempre pleno dia,

e, em sendo assim, propício, para se desentenderem mais.

Existem sempre os farejadores da morte.

Exultam quando um inesperado cadáver aparece a seu lado.

Mas esse não é o caso.

Martin é tocado, apalpado, e mãos curiosas e inábeis tocam em seu pulso, em seu peito, em suas narinas. Contudo

[está vivo.

“Ele respira, ainda”, descobrem e a sua volta olham, em busca de um guarda, de mais testemunhas.

“Só pode estar desmaiado.”

“Talvez embriagado, afinal é dia de festa”, diz o outro.

“Bebeu, talvez por causa de uma dor recôndita mal curada”, diz um

[terceiro.

Ou devido a ideias desarranjadas. Elas são a causa de quase tudo.

O mundo subconsciente de Martin agora está sendo visitado por facas, lutas, praias banhadas de sangue, relógios parados, maquinações confusas, céleres fugas, e um guichê de banco, com longa fila imóvel, na penumbra;

e em algum lugar de sua mente a sua voz pronuncia o nome de Jozy.

“Vou vender o carro, vamos fugir”, diz Martin

com a voz muito fraca e apagada, desde o fundo de seu delírio, entretanto a voz não escapa do poço.

De novo Martin se esforça para declarar sua vontade.

“Vou vender o carro, Jozy, me perdoe, temos que fazer isso.”

“Ouviram? O homem falou, não pode estar tão mal.”

“Não quer dizer nada. Alguns falam uma última e boa frase, para

[registro terminal,

e depois se vão para o buraco.”

“Sim, é verdade: quanto maior o crime, melhor a frase de adeus, como

[nos filmes.”

“Não sei, ele parece ateu, muito apego à vida, muito amor à morte.”

“Quer todos nós no inferno.”

“Sim, pode ser, quando se é muito mau, o fogo que arde é consolo.”

“Vou sacar do pote de chá, vender o relógio, porte de Clignancourt,

o supervisor vai receber o dele, vai, sim, après tout, adieu.”

“Ele voltou a falar, parece mal de finanças.”

“Talvez engendre um furto, é um sujeito muito ruim.

Melhor chamarmos a polícia. Ali passa um flic.”

“Nada fiz, só bebi um pouco. Flic, não.”

Martin mexe-se e procura sem sucesso mover os braços.

“Viram, ele está entendendo tudo. De repente ele melhora e nos ataca. E se tiver armado?”

“Se ele tem medo da polícia, é porque tem culpa, logo vi.”

“Bem, senhores, eu vou seguindo o meu caminho.

Não quero me tornar testemunha de nada. Adeus.”

“Nem eu, espere que vamos juntos. Tenho mais o que fazer, e a vida não é fácil para quem se esforça para não errar.

Para que lado o senhor vai?”

“Vou para a République, et vous?”

“Justamente para o lado oposto, bonne chance.”

“E o senhor, que pouco falou?”

“Eu sou daqui, não vou a lugar algum, mas assim mesmo sigo por ali, ao longo do cais.”

Há uma silenciosa batalha entre a sombra e a luz
no retábulo do espelho art nouveau daquele restaurante quase vazio.
Ambas provocam a sensação de que as manchas encardidas
do vidro querem aflorar e romper a camada de cristal.
Cambiantes, luz e sombra provocam o surgimento
daquelas deformidades que só o tempo vivido é capaz
de fazer aflorar. É sua história íntima, cheia de camadas sobrepostas
[jamais reveladas.

Oferece à curiosidade do mundo apenas indícios vagos.

Por vezes tem-se a impressão de que o espelho não resistirá e se

[partirá de exaustão,

e dor,

mas ele está ali, rodeado pelas tulipas,
 pelos copos-de-leite,
 pelas petúnias,
 pelas ramagens de verde estiolado, enroscadas,
 entremeadas de papoulas sem viço, girassóis robustos,
 tudo enovelado, emaranhado
 no torpor eterno de uma luta imóvel pelo espaço
 (moldura morta ao redor do espelho),
 transbordando do retábulo,
 e por vezes se refletindo no vidro, em eterno enfrentamento, de si
 [mesmos.

São como inimigos hostilizando com os olhos
 de seu oponente mais íntimo, na guerra prisca ilustrada de um livro.
 Nesse instante uma grande mancha arroxeadada e castanha
 recebe um jato súbito de luz, de fora,
 contudo seu olhar macabro de catarata não brilha.
 O escudo da noite se defende contra as arremetidas da espada de luz.
 Avulta-se lentamente, e o dia luta para não ceder terreno para a noite,
 que recua, e seu escudo treme e queima ao contato com a chama da vida.
 Agora, no restaurante quase vazio,
 um ouvido atento registraria a presença
 de um gato se coçando sem pressa, entre a vigília e o sono,
 e o som de uma panela em ebulição, proveniente da cozinha.
 Hoje, não haverá jantar, não haverá serviço.
 Alguém íntimo aniversaria. Fermé, uma placa avisa.
 Entretanto a água ferve e numa caçarola imensa
 os pés de porco se cozinham brandamente;
 e de um forno, em baixa temperatura, assam-se gigots
 e se preparam o confit, como quem cozinha com o calor das mãos.
 Uma porta ao fundo se abre e alguém entra
 apressado, com um avental branco ao redor da cintura vasta.
 A luz mortiça colhe seu rosto recamado de uma eterna gordura
 [de cozinha,

os cabelos desalinhados como os de quem há pouco dormia.
Na sala o gato se apruma, seus pelos se eriçam.
Presença humana à vista.

VI

Jusqu'à la nuit angoissante

Serão eles os irmãos do homem que levou Adara para sempre?
Serão os ceifadores de trigo que chegaram
para retirar do campo o ouro que nasce no solo escuro?
Será o povo da aldeia que o rodeia astutamente,
repleto de escárnio para se divertir
à custa de Fawwaz, o homem só, sem Adara?
Serão seus irmãos mortos na fronteira, redivivos,
que se aproximam indolentes com as vestes ensaguentadas?
O que querem eles nessa margem, onde há vida,
se atravessaram para o lado oposto, em que nada mora ou respira?
Não basta fazerem-no sofrer todos os dias?
(Fome que se mistura ao rancor, ao sentimento de afronta.)
Estarão expulsando Fawwaz do jardim em que mora, flor decepada,
para embarcar para longe? Para se afogar no Cáspio naquela hora?
Esferas de aço azuladas navegam no horizonte
de seus olhos fechados, delas brotam vozes ásperas,
ouve o nome de Adara.
Outras bolas brancas se agitavam mais ao alto,
como luzes nervosas brandidas por um fanático.
Conheceu-a no caminho entre Hashtpar e Astará,
embora fosse quase sua vizinha de aldeia.
Viagem pedestre costeando o mar salgado,

Fawwaz ia encomendado para um novo serviço.
Adara apenas passeava, alegre e sem compromisso.
Ia em visita de família, muitos primos e tios.
Se conheceram em uma paragem onde um poço havia.
(Parecia a Fawwaz que eram eles,
os tais parentes dela, agora, que o atacavam e prendiam,
amarravam e espicaçavam.)
Deitara-se com ela em um celeiro perfumado de feno, um aconchego;
esquilos corriam pelo madeiramento. Seus dedos eram enguias
arrastando-se pela pele encrespada da nova mulher conhecida.
Suados ambos, almejavam mesclar seu sangue
debaixo de uma mesma manta. Pedra e musgo, espinho e pétala.
Os lábios de ambos se perdiam em meandros ofegantes,
que sugavam. Adara, contudo, era uma ostra fechada.
Era a mesma, de sempre, quando se separaram.
Quem o esbofeava agora sem motivo?
Quem o incriminava por algum malsucedido?
Ele precisava respirar, queriam impedi-lo;
Precisava fugir, retinham-no.
Quem lhe roubava a última palavra?
Um homem alto entre todos abriu espaço,
com uma armadura branca,
aproximou-se de seu leito.
“Como se chama? Pode me ouvir?
Sente alguma dor?”
Segura brandamente em seu pulso e avisa:
“Vamos trazê-lo de volta, antes que seja tarde!”
Fawwaz afasta de perto de si o destino de Adara,
ele ainda a quer, seria capaz de perdoá-la
por reter seu impulso no celeiro,
e depois traí-lo com outro meses depois?
Não sabia, mas não a queria plenamente,
pois queria agora tudo muito menos do que antes.

Não adiantava exigir mais, a vida era avara.

*Ponho-me a andar novamente pela rua,
Perco-me fora de mim tanto quanto em mim me perdi.
Caminho pelas ruelas do Quartier Latin,
Pejadas de vozes e de cantoria estrangeira.
Rue des 3 Portes,
rue Galande,
rue des Grands Augustins,
que importa?
Rue Hautefeuille,
rue Maître Albert,
place du Petit Pont,
E eu com isso?
De repente estou defronte ao rio,
sobre a ponte Saint Louis,
e caminho sem direção definida, repleto de alternadas indefinições,
como se procurasse algo muito importante, jamais encontrado.
Para onde vou no restante das horas
em que ficarei acordado antes do sono chegar?
Caminho apenas.
Temo que seja um caminhar em círculos,
como o pensar obsessivo que volta sempre
ao ponto de início.
Incansável dele se afasta para voltar mais rápido.
Sigo ao redor da Île de Saint Louis,
percorro o cais d'Orléans na direção do cais de Bourbon.
Continuo até o cais d'Anjou, prossigo pela ponte de Sully
até o cais de Béthune, adiante reaparece o cais d'Orléans
e tudo se repete e na repetição compulsória
sinto-me mais indefeso e sem rumo.
No estado de torpor em meio ao ócio súbito*

*descubro-me menor, atrofiado e incompleto.
 Inadequado para tudo isso.
 Como se um cansaço desatinado desorientasse
 meu raso instinto de sobrevivência e eu o alimentasse
 com o que resta de minhas energias.
 Já mal vejo o que está adiante dos meus olhos.
 Dissipei-me na caminhada circular
 e não parece haver meios de fugir do círculo de giz
 desenhado no chão e plasmado na minha bússola íntima.
 Sei que pessoas passam gregárias, agitadas
 e sua presença intensifica a voracidade de meu degredo.
 Ecce homo, ignoremos sua presença anômala,
 palavras nunca ditas que gritam em meus ouvidos.
 Uma horda disparatada cerca-me,
 resvala em meus ombros e braços;
 vestidos roçam meus joelhos, mutiplicidade de cheiros;
 jovens passam com latas de cerveja, bolsas de pano a tiracolo
 e narizes com argolas;
 pescoços e braços tatuados e um intenso cheiro de marijuana
 escapando de seus pulmões cansados.
 Desvio-me de crianças distraídas, de brinquedos,
 de vendedores de chapéus, luvas e souvenirs.
 Encosto-me sem ar junto a um muro alto,
 quero interromper o curso, desviar-me de meu descaminho,
 entretanto as pedras repelem-me, ordenam-me que prossiga.
 Cais d'Orléans, cais de Bourbon, cais d'Anjou, pont de Sully, cais de
 [Béthune,
 cais d'Orléans.*

A noite enregelava os dedos de Juliette,
 agora ostentando um compromisso de noivado.
 De braços dados caminha com Vassilikoff

por uma calçada.

Sentia-se ele desaprumado e surpreso,

e pensou em levá-la para casa.

Pensou igualmente em estreitá-la nos braços, reter seu passo;

ainda assim seguiam pela calçada, boulevard Saint-Germain,

rue Saint Jacques, rue Soufflot depois o Panthéon,

mergulhado agora nas sombras estáticas da noite,

mais que nunca um imenso túmulo plantado com uma pompa já

[esquecida.

Em seguida seguiriam até a rue Berthollet,

em que Juliette alugava um quarto.

Vassilikoff está cansado,

e a juventude de Juliette, arrependida ou temerosa

da decisão por ela tomada. Merecia ela controlar sua ansiedade,

ainda que bela e palpitante? Não era ele um velho?

Um glutão irrecuperável e recalcitrante,

que tudo abocanhava como um pato?

Um tipo cheio de manias intragáveis

e vícios que o gosto desmedido só aumentara?

Na boca do homem, as sílabas do nome de Yulyia

arrastavam-se desacorçoadas, almejando alinharem-se

como um sentença apregoada, como uma legenda errada

sob a foto de outra.

A quem de fato amava?

A última imagem da filha desaparecida no bois de Boulogne

sobrepunha-se àquela de Juliette naquele momento.

Sentia que traíra a memória da filha e sabotara o futuro da amiga.

Era ele um grande engano, quase um criminoso, um facínora.

‘Perdoe-me’, pensou em dizer e prometeu que o faria

quando chegassem à próxima esquina.

Não o fez, suspirou fundo, e teve vontade de comer um prato avantajado

[de massa,

precedido de umas berinjelas gratinadas,

e de uma salada verde de agrião,
acompanhadas por muitas taças
de um Barolo ou, melhor ainda, de um Montepulciano de bom ano.
‘Perdoe-me’, outra vez ameaçou dizer,
ao mesmo tempo em que no íntimo deplorava
seu comportamento frívolo.

(O que fazer? Era assim, malgré tout. Difícil seria mudar.)

Vassilikoff habitava o reino das coisas passageiras,
que agradam aos sentidos imediatos, não sabia pensar.
Por isso manteve-se em constrangido silêncio.

Entretanto a noiva não se conteve.

“Devo dizer-lhe uma coisa”, pronunciou-se enfim Juliette, retendo o

[passo.

“Não posso ficar com o anel, por favor compreenda.”

“Quer outra joia no lugar?” perguntou Vassilikoff,
já com o colarinho empapado.

“Não, basta que me deixe para sempre, já é o suficiente.”

Deitada em sua fofa cama de casal,
Antoinette de Bonneheure mergulhava em pesadelos,
nos quais sentia o seu corpo crescer,
à medida que o bebê prometido para adoção
forçava seu caminho até seu útero.
Era uma penetração quase lúbrica,
e ao mesmo tempo uma redenção de seu espírito materno.
Por isso ela ria e chorava, rasgando-se de dor e prazer.
Em dado momento o que parecia um embate entre os dois arrefecia.
Com as mãos espalmadas sobre a barriga já imensa,
Antoinette procurava acalmar seu visitante.
Delicadamente, mas com firmeza,
massageou seu ventre de mãe desejosa,
até que o bebê tailandês, gordo e já dentuço, assim acalentado,

acabou dormindo de exaustão,
estirado sobre suas carnes secas.

Antoinette tinha, no sonho que parecia encomendado, o poder de ver
[tudo.

Assim, via dentro dela o filho e a ela se via
(agora ele morde seu próprio dedo polegar, agora ele se vira,
agora ele coça o nariz, balbucia algo e seus lábios tremem de frio,
[muito azulados,
agora o âmnio envolve o filho que mergulha no líquido da vida
e nela se salva).

Com que nome o chamaria, aquele produto do dinheiro,
fruto do desatino?

Robert nada pressentira, contudo.

Como sempre, dormia, levitando alguns centímetros
acima do colchão de molas, por precaução
(uma persistente dor lombar sempre o incomodava,
desde que erguera com o polegar dois elefantes brancos).

Sua mente, que pouco pesava, porém, voara até a ponte de
[L'Archevêché,
nos costados da Notre Dame e lá abria mais de 8 mil cadeados
que casais enamorados deixaram em seu aramado, por longos anos,
como prova do compromisso de amor.

(Como é mais fácil o amor de aço e níquel do que aquele plantado nos
[mares de sargaços?)

O estrondo da queda
dos artefatos sobre o piso da ponte assustou pombos pousados
e casais a passeio, que por ali vagavam;
uma espuma cinzenta aflorou das águas do Sena com o impacto,
formando súbita marola esverdeada.

Quando o táxi que levava Pierre Ruisseau e seus pais
percorria o longo boulevard de Sebastopol, na direção de Pigalle,

o pequeno ressonava, depois de experimentar imensa amargura, muito
 [justificada,
 não bastasse o fato de ter sido tão cruelmente arrastado e empurrado
 por aqueles que nunca pareceram seus amigos.

No apartamento da rue de Navarin, Pierre foi desvestido com aspereza,
 sua fralda descartável arrancada, mergulhado em água quente,
 ensaboado e secado, enquanto, já acordado, pedia socorro e compaixão.

Ao ser deposto em seu berço, já passava das dez,
 ele estava com fome, mas tinha medo de declará-la abertamente,
 por isso chupava o dedo que lembrava o bico do seio,
 ou algo mais abstrato, que não tinha e nunca vira em casa.

Talvez uma carícia sem pressa, uma voz que acalenta,
 chamando-o pelo nome, macia como uma chupeta.

Seu quarto era o menor, e nele sempre se via
 rodeado de coisas que como ele não pareciam ter serventia.

Eram móveis abandonados, aparelhos elétricos quebrados,
 Discos e livros empilhados, roupas aos montes, transbordando de sacos,
 nenhum brinquedo ou chocalho,
 e pilhas de coisas velhas disparatadas, almofadas puídas, travesseiros
 manchados, revistas e jornais relidos, como se fossem todas aquelas

[coisas antigas
 proprietárias do espaço, mas que contudo não eram para ele destinadas,
 ou prometidas. Não estavam ali para servi-lo.

Era ele que estava no lugar errado.

Se discernisse bem, como um menino grande, dar-se-ia conta
 de que vestia roupas que nunca eram passadas a ferro, e sempre mal

[lavadas,
 como se não merecesse mais que as sobras, os retalhos, as rebarbas,
 um passado que não era seu.

Ficavam seus pertences sobre uma bancada a um canto,
 sempre como se tivessem sido tirados à pressa de uma mala de viagem.
 Entretanto Pierre Ruisseau era um pouco mais que um bebê,
 mas bem menos que um menino.

Por causa de sua condição,
 o mundo dos sentidos prevalecia sempre como o único possível.
 Toda a realidade concreta e interpretável não era, portanto,
 mais que um eco desse mundo primordial, sem astúcia,
 mas que mesmo assim captura
 (porque é capaz)
 certo rebrilho dos cristais,
 pois mesmo sem nada saber ao certo, é como se tudo adivinhasse com
[medo.
 Assim, Pierre, no meio daquela noite, sem que ninguém o ferisse
[frontalmente,
 ou o incomodasse,
 chorou como se seu espírito já pudesse iluminar a verdade.

No restaurante fechado, o homem de avental destampa panelas,
 examina o frescor dos legumes e das folhas da futura salada,
 refaz mentalmente o menu do dia seguinte.
 Abre o forno, como se esperasse alguma revelação inesperada,
 Mas não há surpresas, ele é o mestre do tempo e das finas
[coisas comestíveis.
 Revolve os temperos e rega as boas carnes com osso,
 que sempre começam assando-se na véspera.
 Tira da geladeira as tripas de Caen, para prosseguir seu cozimento,
 desarrolha uma garrafa de Bourgogne e serve um copo.
 No degrau da adega, junto à soleira da porta, se senta, acende um cigarro
[e relê uma carta
 de seu pai, da província: ‘mère passe pas bien, chien Bartholomé est
[mort,
 grand-mère est très malade aussi. Elle voudrais t’envoyer un nougat,
 justement à toi, tu vois, es-ce que tu peux imaginer, la folle?’
 Na salle à manger vazia, não se vê mais o espelho art nouveau.
 Apenas um par de olhos felinos misteriosamente brilha,

alimentado por anseios e pavor.
Cruzando a cidade como uma veia rasgada,
O rio Sena passa por baixo de pontes e abismos.
Contudo não há paixão em suas águas, posto que não serve
a ninguém e a todos despreza.
Não há comichão em suas águas, só o lodo e uma memória coletiva
[desfeita.

Os que atravessam suas pontes
querem apenas passar para a outra margem.
Quem o contempla, só olha para dentro de si.
(Como o rio lapida as pedras afogadas em seu fundo?
O quê nele sofre, quando se despede de alguma amurada?
O quê nele reconhece quando disforme uma voz se perde
em suas beiradas, antes de sucumbir ao abismo,
ou um corpo cansado nele mergulha em soluços finais?)
O marulhar do Sena é riso sem estardalhaço,
quase um motejo perdido na espuma que febril se agita
quando uma barcaça passa.
Todos querem algo para além dele.
O rio quer sem querer, ou com um querer não manifesto.
Deseja ir, desprender-se do que fica.
A friagem noturna aflora da pele de suas águas,
instala-se sobre seu ventre e os seus vapores adensam-se
quando não há chuva.
À noite, todos olham com mais tristeza para o rio,
como se contemplassem uma irremediável despedida sem fim.
Nessas horas, uma grande perda se anuncia na frialdade de suas águas;
e sob as luzes que banham pontes
rostos humilhados de tristeza e solidão passam, consternados,
[pusilânimes.
(A vida estremece trôpega sobre frágeis andaimes.)

Nikolai olha para fora do hotel, através da janela de um dos quartos, e se surpreende com a chegada silenciosa da noite.

A cidade arde em luzes de protesto e demonstração ostensiva de poder, mas a noite ali, como um manto de um tom sempre turquesa, se instala, cobrindo o topo dos prédios e a cabeça das pessoas, as árvores, as barcaças e as igrejas.

Esse fenômeno extraordinário acontece irremediavelmente todos os

[dias,

e o sentido das coisas da noite prevalece sobre tudo aquilo que artificialmente busca negá-lo.

De onde se encontra, Nikolai examina a praça em que há algumas horas temia morrer de fome e de tristeza;

perscruta-a através do retábulo de vidro da janela,

considera a sua íntegra verticalidade como um sinal negativo da cultura

[francesa,

que acaba sempre matando o que submete a seu aperfeiçoamento, pois no fundo parece ser vigorosamente hostil a tudo o que integra.

Por que buscara viver ali? Estaria em busca

de uma outra forma distinta de sofrer humilhações?

Nikolai lembra-se das tulipas das estepes do Ishim:

eretas, como aquelas árvores da praça, livres e vertiginosas como uma febre de verão,

naturalmente organizadas e idênticas

(e aquela praça era tão enfaticamente organizada),

como se a sua existência apenas pudesse se cumprir coletivamente.

Pareciam destinadas a sair em marcha, firmes como uma tropa de ataque, sempre aglomeradas, mas ao mesmo tempo dispersas pelas campinas,

formando conjuntos vermelhos e amarelos, apoiadas em suas longas

[hastes,

que surgiam nos campos e descampados como uma homenagem à vida.

Entretanto sempre impecavelmente eretas, como se tivessem sido

[predestinadas

a representar um papel especial na natureza.

Quando caminhava ao lado de Alina, na primavera, longe das vilas,
via-a colher duas ou três, respeitosamente,
e ela só o fazia quando se sentia feliz e plena.

Seu peito arfava como se ela fosse chorar, ou revelar um segredo penoso,
contudo ela apenas as abraçava com cuidado e as levava junto ao corpo,
[em silêncio devoto.

Que integridade planejada poderiam aquelas flores trazer para a sua
[vida camponesa?

Nikolai se sente cansado e a noite parece aumentar seu sofrimento.
O pequeno auxílio, mero unguento, que recebeu naquele dia,
em troca de algum trabalho com combinada destreza,
acabava por gerar nele um sentimento maior de medo e impotência,
de modo que o que nele doía antes, agora doía mais ainda,
como se já sangrasses;

como se ele tivesse tocado o território metafísico,
em que os modestos prazeres podiam finalmente existir,
mas que se encontravam, na verdade, perigosamente
mais próximos da plenitude do sofrimento, que de sua eventual
[reparação.

Nikolai procura afastar esses pensamentos nebulosos,
recolhe panos e vassouras, fecha cômodos, reúne chaves,
apaga luzes, reorienta-se para prosseguir
tateando os degraus da escura escada, até a recepção do hotel.
Terminara o último quarto, o derradeiro vaso sanitário.
Tudo, tudo estava limpo, higênico e adequado, para o próximo hóspede.
Todos os cômodos foram varridos, limpos e arrumados sob a orientação
[atenta do patron.

Nikolai executou sua tarefa em silêncio, de maneira sistemática,
perseverante, obstinada e detalhista,
como um bom escravo moderno faria.

Ao depor o molho de chaves na mesa do gerente,
e os petrechos no chão e junto ao balcão, ouviu a proposta:
“On vous offre maintenant un bon repas au restaurant,

et un lit, chez nous, pour bien reposer.

Si vous voulez, demain on peut tout recommencer. Merci bien, monsieur.”

Quando os acompanhantes de Jamil e Gomil decidiram ir embora,
Assad manifestou ligeiro pesar, porém experimentou súbita alegria
[interior,

irrevelada com denodado esforço e salamaleques apropriados.

A troupe não teve qualquer sucesso na tentativa de acordar as crianças.

Os pais manifestos, entre prazerosos arrotos, depois de ingerir

de tudo o que lhes foi ofertado da farta mesa de Assad,

embrulham-nas apressadamente em seus casaquinhos e mantilhas,

extraídas de bolsas de couro de cabra, logo enfiando coloridos gorrinhos

nas cabeças de seus filhos. Azulzinho é o de Jamil, rosinha o de Gomil.

Em seguida, a família em caravana despediu-se do anfitrião fatigado,

ganhando a rua, apressada, como se saísse de um baile.

Duas quadras apenas separavam o apartamento de Assad,

daquele em que Jamil e Gomil viviam.

Carregavam sobre os ombros, sem desvelo ou cerimônia,

o futuro do clã, que estremunhava e se contorcia no caminho de volta:

retorno pela Lecourbe, depois, à direita na rue Paul Barruel, até o

[Pasteur.

Bastaria vencer algumas dezenas de metros

para chegarem ao saguão do prédio da Vaugirard, em que moravam.

Fazia uma noite fresca, mesmo úmida, como a pele de um rosto,

de alguém que há pouco não conseguira conter as lágrimas dos olhos.

No percurso, Jamil se debatia, primeiramente para desvencilhar-se das

[garras do pai,

que o retinham com o vigor de um cavalo árabe.

Depois, para se aproximar da irmã,

no intuito de arrancar o gorro de Gomil,

porque este troféu justificaria mais uma vez a existência do princípio

que move e alimenta a discórdia

entre iguais que não se querem.

Com tal fito, esticava os braços e movia o tronco
para se aproximar de seu objetivo, forçando passagem
sobre o peito paterno.

Gomil se insurgia, queria por seu turno apossar-se do casaco de tricô do
[inimigo.

(Ou apenas ambicionava rasgá-lo,
o que lhe daria mais prazer do que dele se apossar de imediato.)
O pai, por seu turno, não media esforços para conter as investidas
dos dois lados.

Estava a ponto de confessar aos demais
que se ninguém do clã viesse em seu socorro,
mais cedo ou mais tarde veria seus dois filhos
cobertos de vergonha e sua história para sempre maculada.

O embate se tornara já um fato.

Talvez saltasse um olho infantil na calçada.

As velhas primas, já nervosas, demonstravam aflição,
dando-se as mãos rugosas e frias.

À altura do Instituto Pasteur, a cena chegava a apavorar quem visse.

Jamil e Gomil se atracavam pelos cabelos,
lutavam com os dentes arreganhados e as unhas em riste, crispadas;
feriam-se e a cada golpe executado, choravam,
e ao chorar queriam ferir mais.

Dois policiais se aproximaram do corpo de Martin,
deitado junto ao cais de Valmy,
e procuraram interpretar o que viam.

Premier flic: “evidemment Il a trop bu”.

“Je suis là, je veux reposer un peut.”

Le second flic: “est-ce-que vous pouvez appeller quelqu’un monsieur,
quelqu’un pour vous aider?”

Le premier flic: “êtes-vous marié?”

“Je veux reposer un petit peut, c’est tout”, insiste Martin.

Le premier flic: “on ne peut pas vous laisser comme ça, vou savez”.

Le second flic: “nous serons obligés de vous conduire au commissariat, vous savez, c’est la règle”.

“J’ai un problème, mon estomac, je me sens très mal.”

Le premier flic: “appelons le secours, cés plus facile et c’est justement le cas”.

Martin respira com dificuldade, palavras dançarinas

(os flics percebem que os lábios do homem

se movem, como se balbuciasse coisas,

seu rosto exprime talvez o que com palavras gostaria de dizer):

Jozy, a venda do Peugeot, para quê o carro,

se não vamos precisar dele para nada?

Uns bons meses de vida tranquila, depois não sei, ninguém sabe,

o bebê um dia vai perdoar seu pai,

demissão, chômage, mais algum dinheiro com a venda do relógio,

mudar para a periferia, um lugar mais barato,

uma pequena casa aos fundos de outra, uns palmos de jardim

com um canteiro e umas flores.

A ofensa ao supervisor, sem testemunhos, boa provocação,

a palavra de um contra a do outro, chômage,

e mais o dinheiro do pote de chá, o bebê vai perdoar,

de vez em quando uns bicos, que se dane a empresa de gás.

Tudo vai se arranjar, Jozy, não fiz por maldade,

é preciso quebrar o cristal dos sonhos com uma marreta,

para transformar seus cacos em arma transformadora.

A ideia é levar vantagem contra o capital de Estado,

contra a ditadura do Estado,

que apadrinha em troca de boas tetas,

você não entende isso, não quer entender,

quer fingir que não é importante, apenas o bebê,

um dia o Estado vai se descartar dele, como fez comigo,

gaste seu dinheiro comprando bebida, com impostos inclusos,

[valor agregado,

ordenou-me o Governo,
 autorizo-o a beber até a morte. Aceitei.
 Mas pague em dia, despesas e impostos, não deixe dívidas,
 o Estado só é responsável pela saúde do Estado,
 e que sua morte venha em boa hora para nós.
 “Je dois marquer mon territoire, Jozy.”
 Le second flic: “il vient de parler très clairement”.
 Le premier flic: “Bien sûr, dis donc”.
 Le second flic: “mon tour vien de terminer, je vous laisse”.
 Le premier flic: “on ne peut pas ignorer le problème”.
 Le second flic: “et voilà, j’écoute déjà la sirene de l’ambulance, à tout à
 [l’heure, Bernard”.

*Decido girar em sentido contrário, ao redor da ilha:
 pont de Sully, cais d’Anjou, cais de Bourbon, Cais d’Orléans, cais de
 [Béthune,
 pont de Sully, cais d’Anjou, cais de Bourbon, cais d’Orléans, cais de
 [Béthune,
 pont de Sully, que para sempre embala o boulevard Henri IV em seu
 [colo de nau imóvel,
 cais d’Anjou,
 cais de Bourbon,
 cais d’Orléans.
 Uma vida inteira se dissipa no breve calor da hora,
 nesse emaranhado de cenas descosturadas,
 que passam a repassam aladas.
 Ora sinto-me nos curtos instantes em que o sangue fervilhou,
 em salas de baile ou no caminho labiríntico de boas alcovas,
 ora testemunho meu súbito crepúsculo,
 adornado de silêncios, mortificações e longínquos rumores indefinidos,
 mas sempre uma operosa adága rasga e desmembra*

*do corpo da minha história pessoal lembranças boas e desatinadas
[do que talvez pudesse ter sido a minha vida,
embora eu duvide.*

*Nesse desarrumar persistente dos fatos e das sensações,
subitamente paro sob um poste sem luz,
debaixo de um alpendre apagado,
sob um pórtico coberto de escuras nódoas,
sob uma porta cujas ferragens azinhavradas
que falam de mortes de vidas antigas e sem importância
não rangem mais;
junto a uma vertigem de janelas cerradas,
perto de um tijolo que se destaca da prumada
de um edifício igual.*

*Nesse local obscuro não há placas comemorativas,
avisos, advertências, notas de empenho,
notificações judiciais urgentes ou arcaicas,
bilhetes secretos deixados em reintrâncias de paredes gastas,
números identificadores, como os que buscamos
para localizar as casas de alguém nas ruas;
sinais de cabala ou de outra fé, nada,
e por ele o tempo não tem relevância, não é aferido,
medido na ampulheta dos sonhos planejados,
nem, por sinais próprios, contado.*

*Estanco, o coração aos saltos, no canto cego
da estranha geografia desse instante. Sinto-me em vista de tudo isso
[incólume, absolutamente inútil
e plenamente isento de mim.*

Uma morrinha espessa e diversa,
fartum acre e nauseabundo, se mistura aos ventos
que cortam a cidade
e rasgam nuvens e eriçam folhas e estremecem placas

e tudo o que é leviano e sem lugar próprio.
 Juntamente com os fumos que das chaminés se evadem,
 a fuligem também sobe,
 abraçada a bafios pesados de cozinhas quentes,
 tudo de mistura com alcoóis e vinagre, frituras nauseabundas,
 difusos odores de coisa queimada, de latrinas ocupadas,
 de urina vertida e quase tão quente como a bovina.
 Nessas horas panelas se destampam, se esvaziam emborcadas
 e se lavam em máquinas de aço escovado com muita fumaça branca
 [e ácida;
 ou se banham atritadas a unhas de dedos agitados,
 ou ainda esfregadas sofregamente com esponjas gastas de fibras ásperas.
 Pisos de cozinha são lavados, vassouras e panos pelos cantos trabalham;
 o catarro desafoga narinas e goelas e nas escadarias e monumentos
 [se escarram,
 e há mais cheiros insuportáveis quanto mais se atenta para os detalhes.
 Dos ralos sebosos de crasso unto, das pias de bares, bistrôs e
 [restaurantes,
 uma escura química de restos tismados, aglutinados, rescaldados e
 [recozidos
 lança cheiros e gazes enjoativos que pior ficam quanto mais de tudo isso
 [se junta,
 engrossando a fétida mistura que depois fora se atira,
 como se tudo fosse o resultado ambicionado
 de um triste e sofisticado preparo da mais refinada iguaria.
 Como uma tímida e débil oposição a tudo isso,
 a alguns palmos acima da terra úmida do Jardim de Luxembourg,
 tulipas de duas cores esticam seus musculosos pescoços verde-claros,
 orquestradas por uma vontade schopenhaueriana comum,
 (de defender a vida a qualquer custo)
 como se quisessem romper a crosta do ar de graxa e fumo,
 em busca de oxigênio novo e raro.
 De seus corações vermelhos, na noite plena de Paris,

jorram discretamente pétalas da cor do Sol,
 (em lâminas porosas, perfumadas e macias como a vagina)
 sempre aflitas e ostensivas,
 querendo escapar para alguma plenitude indefinida.
 É primavera em Paris,
 em vista disso, de porões e parques notas musicais sem gravidade
 [escapam
 e estremecem brandamente tímpanos distraídos.

De uma minúscula falha geofísica,
 sob a meseta de Langres, bem ao sul,
 brota um filete de água
 que desce pelas faldas
 da cadeia de montanha da Côte-d'Or,
 avança em seu tímido curso, recebendo notáveis contribuições
 do Aube, Marne, Oise, Epte e Andelle, em sua margem direita,
 e do Loing, Yonne, Eure e Risle, na esquerda.
 Suas águas um dia foram aquinhoadas com as heróicas cinzas
 de uma mulher guerreira e obstinada.
 Talvez por esse motivo houve vida e bonança por muitos anos
 ao longo desse rio.
 As cinzas da mulher que atirava com arco
 alimentaram peixes, que nutriram corajosos espíritos,
 até que se sentissem quase fartos,
 mas deram alimento a outros, também, mesquinhos e egoístas.
 Talvez por esse motivo houve morte e destruição, por muitos anos
 ao longo desse rio.
 Nas mais remotas profundezas dessas montanhas,
 no mais distante e tenebroso solo em que penas se cumprem sempre,
 sofrem em turbilhão fervente os que se desviram
 e estão condenados à dor.

Essa região de penas espalha-se por uma cadeia incontável de cavernas,
a perder de vista,
de tal sorte que onde quer que, na Terra, se vislumbre o céu,
também, no mesmo lugar, sob o mesmo chão,
na região da impensável profundidade,
existirão essas cavernas de expiação
(túrbido mar subterrâneo e eterno),
e, nelas, seus habitantes, que aguardam soltando uivos
os que estão recomendados para penar em destino futuro.

À altura de Troyes, surge do nada uma nave,
uma barca lapidada em fogo, água e ar,
surge sem informar de onde veio,
sem fornecer pistas materiais de sua história pregressa.
No remo, Caronte,
cansado, mas vem com pressa,
pois recebeu ordens expressas,
deixando em sua rota, a título de disfarce,
flocos de gelo que não ardem.
A mando das profundezas, não importa o que aconteça,
deve executar sua tarefa até o final das eras,
em meio às trevas e muita consternação.
Leva em sua arca a tristeza dos que no cais ficam
acenando em lágrimas para os queridos entes que partiram.
Da barca joga amarras em atracadouros improvisados ao longo do rio
e faz subir infortunados.
Na generosa barca grande, leva bem acomodados seus espíritos,
pois bons ou maus, o pior dentre eles não rouba de outro
o que em seus bolsos não cabe,
mesmo que em vida muito tenha roubado
e incontáveis vezes ferido de morte, sem alarde.

O tributário Aube encontra o rio depois de Troyes, como o Yonne.
O Loing, antes de Melun, para aquele que suas águas o manancial verte,
trazendo promessas e presságios de Sainte-Colombe.

Assim que deixa Troyes, Caronte ergue um tridente,
ordenando que estanquem por instantes esses afluentes,
para que sua nau prossiga a jusante sem sobressaltos ou visitantes.
Com tais ajudórios, e outros, de asa e vento,
o velho, que tudo sabe, chega a Paris sem contratempos,
atracando junto a um salgueiro na ponta da Île de la Cité.
Por fim, o enviado esboça um sorriso matreiro,
que exprime com um esgar sua vaidade de mestre,
pois remara até ali, desde muito longe,
com a barca já agora cheia de penados até a metade,
reação de que ninguém jamais se aperceberia
se removesse o capuz de sua caveira vazia.

A face de Caronte, por precaução, é descarnada,
sem olhos que brilham,
pois seus patrões sabem que mora na carne pujante,
nunca no espírito,
o completo mapa das emoções,
e sentir não lhe é permitido.
O barqueiro deve resguardar sua força e energia,
próprias de seu oneroso trabalho,
não podendo descurar jamais de sua principal responsabilidade,
que é a de fazer subir a bordo os timoratos condenados,
levando-os até o termo final da viagem.

Eis que detrás do salgueiro frondoso da ilha
surge cambaleante Fawwaz já morto,
saudoso agora por toda a eternidade de sua Adara.
Logo a fila de almas engrossa, dando voltas pela cidade,
pois é primavera, a estação dos prodígios de toda sorte.
Com a cabeça como que abandonada se apresenta Iekaterina,
a astuta vendedora de criancinhas,
morta por um carro em uma esquina.
Pobre de Antoinette de Bonneheure,
haja vista que pagou e não recebeu a prometida bonina.
É quase meia-noite em Paris,
a barca de Caronte desatraca e parte.
Os vivos, muitos, dormem sem terem experimentado
o sabor de alguma glória, mesmo que efêmera, nesse dia.
Os notívagos, que pelas margens do Sena transitam,
apreciam a súbita bruma do ar e da água agora porejada.
Espessa ela se alastra e recobre a pele do rio,
amortalhando telhados, ruas e monumentos.
Alguns corações comprometidos palpitam
de súbito sentimentalismo. Outros protestam,
em razão da densidade fugidia da vida,
ou em virtude de sua escassa ternura, quem saberá ao certo?
Acreditam muitos dos que passeiam que choverá outra vez,
que talvez depois vente fortemente; que o céu então ficará limpo;
que esfriará um pouco em seguida, podendo mesmo parar de ventar,
vindo novamente a chover um pouco.
A primavera em Paris é sempre assim,
instável como nossa alma,
e por vezes enfadonha, como todos nós.
Enquanto isso, ligeira, protegida pela névoa noturna,
a barca dos condenados desliza sem fazer espuma, em discreto silêncio.
Sem perder jamais seu rumo certo desaparece da humana vista.

Paris, abril de 2013

São Paulo, fevereiro de 2015

Roteiro de criação do poema “Paris”

O poema “Paris” é composto por 84 estrofes de diversos tamanhos, com versos irregulares. A maior dessas estrofes chega a ter aproximadamente 50 versos. Tradicionalmente o poema épico – visto que cuida de um sujeito coletivo e se desenvolve como uma narrativa, caso de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, de *Paradise Lost*, de John Milton, tende a ser extenso, pois canta valores permanentes e recupera uma história imaginária na maioria das vezes densa e fortemente evocatória. Essa tarefa exige disciplina e um programa de trabalho que não pode se perder em achados ocasionais. O poema épico, por suas características, não sofre o arbítrio da concisão, caso da poesia lírica.

Até recentemente a poesia lírica foi estigmatizada como uma literatura compelida pela necessidade de exploração da face emocional do ser humano, dando sempre origem a um sujeito de enunciação que se manifesta no estreito âmbito de um único núcleo de interesses. (Não pense o leitor que a literatura capaz de transfundir de maneira sutil e intensa a vasta e complexa vida emocional de todos nós seja inferior em alguma medida, ao poema épico, longe disso.)

Há exceções raras, em que a poesia lírica se distende e atinge as dimensões de um poema longo, como “The Waste Land”, de T. S. Eliot e “Cimetière marin”, de Paul Valéry (a despeito de suas 24 estrofes, apenas), só para mencionar duas obras exitosas. Entretanto, o frequente impasse na formulação de uma proposta de poema lírico de grande extensão, que harmoniza concisão, tensão lírica e um plano de desenvolvimento que contempla um número dilatado de estrofes, tem no meu modo de ver perdurado como confirma a própria história da literatura mundial.

E isso é resultado da dificuldade de harmonizar a necessária contenção lírica com a proposta do poema longo, que parece antagonizar frontalmente aquelas virtudes líricas que mais apreciamos nos poemas que costumeiramente reputamos como bons ou, se preferir o leitor, bem sucedidos.

O poema “Paris” buscou superar esses impasses apontados, oferecendo ao leitor uma poesia dissertativa, descritiva, mas sobretudo e ao mesmo tempo lírica. Entretanto, pode ser lido como uma balada, tal o número variado de personagens e diálogos. É por certo, claro está, um poema narrativo, posto que cuida de explorar acontecimentos (no caso, ocorridos em Paris, durante um intervalo de tempo de aproximadamente 16 horas, na vida de seus personagens). Mas é lírico, da forma como o lirismo pode se fixar e se firmar em quase uma centena de estrofes. “Paris” ‘passa-se’ no Dia do Trabalho, feriado nacional, portanto; tem início às seis horas da manhã, termina às dez horas da noite desse mesmo dia. A despeito de todas essas múltiplas convergências no sentido do prosaico e do narrativo, é um poema lírico, haja vista que o sujeito de enunciação se dissolve e se multiplica em todo o poema (em todo ele se reintegrando). Ora o faz atenuando sua subjetividade ao nível mais insignificante, ora explorando-a. O leitor deve ter identificado muito facilmente essas situações. Nas estrofes mais ‘gerais’, tal como indicadas no plano que segue, em que aparecem elementos dissertativos e personagens, envoltos em um cenário urbano, pode-se afirmar que surge um *ego descriptor*. A escolha dessa expressão talvez não seja a mais adequada, entretanto ela deixa claro que o sujeito que testemunha o mundo, nele se embrenhando, encontra nessa tarefa de narrar (mais do que de se enunciar) sua razão de ser **no poema**. E há um sujeito lírico ‘profundo’, um sujeito de enunciação típico que deixa transparecer de imediato e de modo intenso sua subjetividade, que se destaca com nitidez em outras estrofes. Com esses expedientes, os núcleos poéticos se multiplicam, sua compartimentação se desfaz; e tais núcleos ao mesmo tempo contaminam uns aos outros, promovendo uma expansão da tensão lírica. Sujeito de enunciação, personagens, fatos e elementos urbanos mesclam-se, enlaçam-se, combinam-se e se atritam, sem cessar. O poema logra desse modo distender-se e mesmo assim consegue manter de maneira muito evidente uma tensão poética que não necessita da rima fácil (como o próprio Milton recusara ao elaborar o seu “Paradise lost”), nem teme os elementos prosaicos dos quais faz uso sem temor. Estes, ao contrário do que se poderia imaginar, oxigenam o poema e renovam seus atributos líricos.

Plano do poema

Estrofes, Personagens e foco

Cronologia

6h00> 9h00> 12h00> 14h00> 18h00> > 22h00

Parte 1: Avant l'aube

Estrofes, Personagens / foco

- | | |
|------------------------------------|---|
| 1. Caronte | X |
| 2. Geral (<i>ego descriptor</i>) | X |
| 3. Fawwaz | X |
| 4. Pierre Ruisseau | X |
| 5. Geral (<i>ego descriptor</i>) | X |
| 6. M. Vassilikoff | X |
| 7. Nikolai | X |

Parte II: Auprès d'un miroir

Estrofes, Personagens / foco

- | | |
|------------------------------------------|-----|
| 8. Sujeito lírico | X |
| 9. Sujeito lírico | X |
| 10. Sujeito lírico | X |
| 11. Sujeito lírico | X |
| 12. Antoinette de Bonneheure
e Robert | X |
| 13. Fawwaz | X > |
| 14. Pierre Ruisseau | X |
| 15. Jamil e Gomil | X |
| 16. Geral (<i>ego descriptor</i>) | X |
| 17. Geral (<i>ego descriptor</i>) | X |
| 18. Geral (<i>ego descriptor</i>) | X |
| 19. Geral (<i>ego descriptor</i>) | X |
| 20. Geral (<i>ego descriptor</i>) | X |
| 21. M. Vassilikoff | X |
| 22. Nikolai | X |
| 23. Geral (<i>ego descriptor</i>) | X |
| 24. Geral (<i>ego descriptor</i>) | X |

Estrofes, Personagens e foco

Cronologia

12h00> 14h00> 18h00> >22h00

Parte III: Un certain regard

Estrofes, Personagens / foco

25. Sujeito lírico	X
26. Martin	X
27. Geral (<i>ego descriptor</i>)	X
28. Martin	X
29. Sujeito lírico	X
30. Geral (<i>ego descriptor</i>)	X
31. A. de Bonneheure, Robert e Iekaterina	X
32. Fawwaz	X
33. Vassilikoff e Juliette	X
34. Sujeito lírico	X
35. Vassilikoff e Juliette	X
36. Pierre Ruisseau	X
37. Geral (<i>ego descriptor</i>)	X
38. Nikolai	X
39. Jamil e Gomil	X
40. Pierre Ruisseau	X
41. Martin	X
42. Geral (<i>ego descriptor</i>)	X
43. Geral (<i>ego descriptor</i>)	X
44. Fawwaz	X

Parte IV: Quelques mauvaises connaissances

Estrofes, Personagens / foco

45. Sujeito lírico	X
46. Geral (<i>ego descriptor</i>)	X
47. Juliette e M. Vassilikoff	X
48. Antoinette, Robert, Iekaterina	X
49. Pierre Ruisseau	X
50. Geral (<i>ego descriptor</i>)	X
51. Nikolai	X
52. Jamil e Gomil	X
53. Martin	X
54. Geral (<i>ego descriptor</i>)	X
55. Martin	X

56. Geral (<i>ego descriptor</i>)	X
57. Sujeito lírico	X

Estrofes, Personagens e foco

Cronologia

18h00> >22h00

Parte V: Solitude et réverbère

Estrofes, Personagens / foco

58. Fawwaz	X
59. Sujeito lírico	X
60. Vassilikoff e Juliette	X
61. Antoinette, Robert e Iekaterina	X
62. Pierre Ruisseau	X
63. Geral (<i>ego descriptor</i>)	X
64. Nikolai	X
65. Jamil, Gomil e Assad	X
66. Martin	X
67. Geral (<i>ego descriptor</i>)	X

Parte VI: Jusqu'à la nuit angoissante

Estrofes, Personagens / foco

68. Fawwaz	X
69. Sujeito lírico	X
70. Juliette e M. Vassilikoff	X
71. Antoinette e Robert	X
72. Pierre Ruisseau	X
73. Geral (<i>ego descriptor</i>)	X
74. Nikolai	X
75. Jamil e Gomil	X
76. Martin	X
77. Sujeito lírico	X
78. Geral (<i>ego descriptor</i>)	X
79. Geral (<i>ego descriptor</i>)	X
80. Caronte	X
81. Geral (<i>ego descriptor</i>)	X
82. Caronte	X
83. Caronte	X
84. Caronte, geral (<i>ego descriptor</i>)	X

Considerações Finais

“Paris” dá fecho à obra *Poemas de extradição e exílio*, terceiro volume da *Trilogia poética do desterro (1975-2015)* e é também um dos últimos poemas escrito pelo autor, encerrando e fixando em definitivo sua obra poética.

É de se registrar que esse longo poema lírico narrativo, talvez o mais extenso poema em língua portuguesa -- o que não é mérito ou demérito, apenas uma de suas características --, estabelece desde sua origem um explícito contraponto com outro poema com temática semelhante, que por seu turno abre o primeiro volume dessa trilogia, denominado *Poesia sem pátria e sem verdade*. Estou aludindo ao poema “Verão no Quartier Latin”, cuja primeira fatura deu-se em Paris, em 1975, vindo a sofrer severa revisão nos anos posteriores. Como dizem esses versos de Eliot, “o tempo passado e o tempo presente / Estão ambos talvez presentes no tempo futuro”¹.

“Paris”, último poema do autor, reencontra seu mais antigo poema longo, “Verão no Quartier Latin”. Nesse trajeto de visitação circular, o último renasce no primeiro. O primeiro se explica na leitura do último. Ambos interpenetram-se e se fundem no tempo.

Quem se dispuser a ler ambos, constatar  as diferenças abissais entre eles, contudo. O mais antigo, escrito por um jovem candidato a poeta, o mais recente, elaborado por um autor no estágio de sua maturidade.

São Paulo, 17 de junho de 2015

¹ No original: “time present and time past / Are both perhaps present in time future”. Cf. T. S. Eliot, “Burnt Norton”, primeira parte de ‘Four Quartets’, em sua: *The complete poems and plays of T. S. Eliot*, London, Faber and Faber, 1969, p. 171

